

GOD OF WAR®

MATTHEW STOVER
E ROBERT E. VARDEMAN

Tradução de Maria João Trindade

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

Para
SCOTT E JEN
— ROBERT E. VARDEMAN

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas trabalharam exaustivamente neste livro. William Weissbaum, da Sony, proporcionou precisamente a solução certa para os complicados problemas de enredo, bem como uma orientação astuta ao longo de todo o processo. A perspicácia e o conhecimento do jogo por parte de Marianne Krawczyk são realmente apreciados. Tricia Pasternak foi a melhor editora — de sempre. “Raven Van Helsing” ajudou involuntariamente através do Youtube. Finalmente, agradeço ao meu agente, Howard Morhaim, e ao meu coautor determinado, Matthew Stover, por me darem a oportunidade de ajudar num projeto tão sensacional.

— ROBERT E. VARDEMAN





ERGUE-SE SOBRE A ORLA DE PENHASCOS DESCONHECIDOS: UMA ESTÁtua em travertino, pálida como as nuvens lá no alto. Não consegue ver as cores da vida, nem as linhas escarlate das suas próprias tatuagens, nem os retalhos putrescentes dos seus pulsos, onde as correntes lhe foram arrancadas da carne. Os seus olhos são tão negros como o Egeu agitado pela tempestade lá em baixo, alojados num rosto mais branco do que a espuma que se agita entre as rochas recortadas.

Cinzas, apenas cinzas, desespero, e a chicotada da chuva invernosa: estas são as suas recompensas por dez anos de serviço aos deuses. Cinzas, podridão e decadência, uma morte fria e solitária.

Agora, sonha apenas com o esquecimento.

Chamaram-lhe o Fantasma de Esparta. Chamaram-lhe o Punho de Ares e o Campeão de Athena. Chamaram-lhe guerreiro. Assassino. Monstro.

Ele é tudo isto. E nada disto.

O seu nome é Kratos e sabe quem são os verdadeiros monstros.

Os seus braços pendem, com as suas vastas extensões de músculos emaranhados, agora flácidos e inúteis. As suas mãos ostentam os calos endurecidos, não só da espada e da lança espartana, mas das Lâminas do Caos, do Tridente de Poseidon e até do lendário Raio de Zeus. Estas mãos tomaram mais vidas do que Kratos tomou fôlegos, mas agora não têm armas para segurar. Estas mãos não vão sequer dobrar-se e cerrar-se em punhos. Tudo o que conseguem sentir é o vagaroso fio de sangue e pus que pinga dos pulsos rasgados.

Os seus pulsos e antebraços são o verdadeiro símbolo do seu serviço aos deuses. As tiras esfarrapadas de carne esvoaçam ao vento cruel, enegrecendo devido à podridão; até o próprio osso ostenta as cicatrizes das correntes que outrora ali estavam fundidas: as correntes das Lâminas do Caos. Essas correntes já lá não estão, arrancadas pelo próprio deus que lhas infligiu. Essas correntes não se limitavam a uni-lo às lâminas e a unir estas a si; essas correntes eram os elos que o agrilhoavam ao serviço dos deuses.

Mas esse serviço terminou. As correntes desapareceram e, com elas, as lâminas.

Agora, ele nada tem. Nada é. O que quer que não o tenha abandonado, ele descartou.

Não tem amigos — é temido e odiado por todo o mundo conhecido e nenhum ser vivo o olha com amor ou sequer uma réstia de afeto. Não tem inimigos — não lhe resta nenhum para matar. Não tem família...

E isso, mesmo agora, é um recanto no seu coração para o qual não se atreve a olhar.

E, finalmente, o último refúgio dos que estão perdidos e sós, os deuses...

Os deuses brincaram com a sua vida. Recolheram-no, moldaram-no, transformaram-no num homem que já não suporta ser. Agora, no final, já nem consegue revoltar-se.

— Os deuses do Olimpo abandonaram-me.

Avança até aos últimos centímetros do penhasco, com as sandálias a raspar no cascalho sobre a borda prestes a desmoronar. Trezentos metros abaixo de si, farrapos de nuvem sujos torcem-se e tecem uma rede de névoa entre ele e as rochas escarpadas, onde o Egeu desaba sobre elas. Uma rede? Kratos abana a cabeça.

Uma rede? É mais uma mortalha.

Kratos fez mais do que qualquer mortal conseguiria fazer. Realizou proezas que os próprios deuses não poderiam igualar. Mas nada apagou a sua dor. O passado a que não consegue fugir traz-lhe a agonia e a loucura, as suas únicas companheiras.

— Agora, não há esperança.

Não há esperança neste mundo — mas no próximo, dentro dos limites do poderoso Éstige que marca as fronteiras do Hades, corre o rio Letes. Diz-se que um gole dessa água tenebrosa apaga a memória da existência que um fantasma deixou para trás, deixando o espírito a vaguear para sempre, sem nome, sem casa...

Sem passado.

Este sonho fá-lo avançar com um último passo fatal, que o derruba sobre as nuvens, que se desfazem em seu redor à medida que cai. Lá em baixo,

as rochas corroídas pelo mar materializam-se, ganhando solidez bem como tamanho, correndo para cima para lhe esmagar a vida.

O impacto engole tudo o que é Kratos, tudo o que foi, tudo o que fez e tudo o que lhe foi feito, numa única explosão dilacerante de trevas.

A DEUSA ATHENA ESTAVA DE PÉ COM A SUA ARMADURA COMPLETA, diante do espelho de bronze polido. Encaixou uma flecha no seu arco e lentamente puxou a corda para trás. Observava cada movimento seu no espelho, para obter a figura adequada. Athena ergueu ligeiramente a sobrancelha direita. Qualquer desvio no ângulo correto faria com que a flecha saísse torta. Procurava a perfeição em tudo, como convinha à deusa guerreira. Segurou a corda para trás esticada, sentindo os músculos dos braços e ombros começarem a ficar tensos. A sensação animava-a, fazia-a ter consciência não só de si mesma, mas também de tudo o que a rodeava. Uma meia-volta, testemunhada no espelho, uma pequena correção à sua figura, e apontou a flecha ao longo dos seus aposentos, para uma enorme tapeçaria que exibia a Queda de Troia. A flecha deslizou-lhe dos dedos e voou a direito e com exatidão, para se enterrar na figura entretecida que era Paris.

Que herói tão imperfeito, pensou ela. Athena não tinha feito uma escolha tão fraca. Tinha arriscado muito, porque o destino do Olimpo tornou-se incerto quando o seu irmão Ares se descontrolara. Teria Kratos sentido um tal momento de hesitação, mesmo antes de a flecha sair a voar do seu arco? Dúvida? Certeza? Contrariamente à sua natureza, a deusa guerreira sentiu uma pontada de pânico. Teriam todas as suas maquinações sido em vão, ganhando a Ares os serviços de Kratos num estratagema demasiado inteligente?

Uma ligeira baforada fê-la girar, com outra flecha encaixada na corda do arco, puxada depois atrás, até que o arco dourado gemeu com a tensão. Athena ponderou as suas ações e depois soltou lentamente a corda, ficando a flecha sem voar.

Estendido seminu no seu sofá feito de uma nuvem cor de vinho, sem o mínimo vestígio de vergonha, estava um jovem assombrosamente belo. O seu sorriso malicioso e encantador não estava de todo afetado pelo facto de ter a flecha de Athena apontada à sua testa.

— Gosto em ver-te — disse ele. — Estás a comemorar a tua vitória, não é? Sabes o que tornaria esta ocasião *mesmo* especial? Abandona essa tua virgindade eterna. Não pareças tão solene. Não *sejas* tão solene. Vamos explorar um território sem limites. Sou um explorador bastante bom e posso levar-te por caminhos desconhecidos.

— Hermes — disse ela entre dentes. — Já não te avisei acerca de me espiarem nos meus aposentos?

— Estou certo que sim — disse o Mensageiro dos Deuses num tom indolente. Esfregou as suas costas nuas ao longo do sofá, remexendo-se sinuosamente com prazer. — Ah, maravilhoso. Estava cá com uma comichão. Na verdade, querida irmã, tenho outra comichão —, uma com que me podes ajudar, o que é justo, visto que és tu que a causas.

— Sou? — O rosto de Athena poderia ter sido esculpido em mármore. — Deverei aliviar a tua comichão com a minha espada? — O arco que segurava desapareceu, dando lugar a uma espada de gumes cruelmente afiados.

Hermes deixou-se voltar a afundar no sofá. Entrelaçou os dedos atrás da cabeça e falou com emoção para os céus em redor do Olimpo.

— Para sempre a contemplar aquilo que não posso tocar. — Suspirou. — Tais destinos cruéis deviam estar reservados aos mortais.

Athena aprendera ao longo de séculos de experiência que Hermes ficava tão inebriado com os seus próprios encantos que quando começava a namoriscar, a única forma de o evitar era mudar de assunto. Usou a sua espada para apontar para as sandálias dele.

— Estás a usar as tuas asas. É uma mensagem oficial?

— Oficial? Oh, não, não; Zeus saiu para fazer... alguma coisa. — Sorriu maliciosamente. — Muito provavelmente, *alguém*. Outra rapariga mortal, decerto. Só as Moiras¹ o sabem. A sério, não consigo perceber o que vê nas mulheres mortais, quando qualquer deus *normal* sacrificaria uma ou duas partes íntimas imortais só para ter uma oportunidade de passar uma delas pela cinta de Hera...

— A *mensagem* — disse Athena. — A tua desculpa para invadires os meus aposentos?

— Oh, *há* uma mensagem. — Produziu o seu caduceu e agitou-o diante dela. — A sério. Vês? Tenho a varinha.

— A tua beleza faz com que pareças encantador. O teu comportamento afasta essa ideia.

— Oh, suponho que isso foi um comentário perspicaz. Foi, não foi? Estou a perguntar, cara virgem da guerra, porque caso contrário não há forma de o saber.

— Então deixa-me responder com uma pergunta minha. A mensagem que trazes é de tal importância que eu não deva ordenar que te matem por me irritares?

¹ Três mulheres que determinavam o destino de deuses e seres humanos, tecendo o fio da vida de cada indivíduo na Roda da Fortuna. (N. do T.)

— Oh, por favor. A palavra do nosso pai proíbe qualquer deus de assassinar outro... — A sua voz desvaneceu-se quando se apercebeu de algo totalmente desconfortável no olhar gelado e cinzento da deusa. — Athena, minha querida irmã, sabes que sou totalmente inofensivo, a sério.

— É o que digo constantemente a mim mesma. Até agora.

— Só estava a tentar divertir-me um pouco. Só um bocadinho. Um pouco de galhofa com a minha irmã preferida. Animar-te, sim? Distrair-te de... bem, tu sabes.

— Sei, sim. E tu também não devias esquecer-te disso. — Athena olhou para lá de Hermes, para um toucador, onde estava pousada uma argola de ouro ornamentada com pedras preciosas. Mais uma bugiganga feita para uma oferenda sacrificial em sua homenagem, por algum artesão ambicioso da cidade que ostentava o seu nome. Era bastante refinado, para o trabalho de um mortal. Athena achava que provavelmente deveria atender à sua prece — e tê-lo-ia feito, se se tivesse dado ao trabalho de decorar o seu nome. A sua preocupação com Ares tinha desviado os seus pensamentos daqueles mortais que tanto confiavam nela mesmo enquanto morriam. Isso deveria mudar rapidamente, para reparar mais do que edifícios desmoronados.

— E, hum, peço *mesmo* desculpa por te espiar. De todas as deusas do Olimpo, és realmente a mais bela. A tua figura estava elegante — não, perfeita — com o arco curvado para trás e a corda esticada. Era uma visão digna de contemplação. Qualquer inimigo tremeria, assim como um aliado se juntaria à tua causa. — Hermes levantou-se do sofá, alongando os músculos de uma forma calculada para realçar o seu físico ágil e jovem. — Mas tens de admitir que dos deuses, eu próprio sou o mais atraente.

— Se tivesses metade da beleza que pensas ter, irias realmente ofuscar o Sol.

— Estás a ver? Nenhum se compara comigo...

— Gostava de te ouvir dizer isso à frente de Apolo.

Hermes sacudiu a cabeça com altivez.

— Oh, decerto ele é bastante belo — mas é tão entediante!

— É melhor que as próximas palavras a saírem da tua boca se refiram à mensagem. — Inclinou-se para ele e espetou-o ligeiramente no peito com a ponta da espada. — Creio que ultimamente tens assistido às consequências de me enfurecerem.

O Mensageiro dos Deuses baixou o olhar para a lâmina encostada às suas costelas e depois voltou a erguê-lo para os olhos cinzentos e inflexíveis da deusa da guerra. Puxou-se para cima, ajustou a sua clâmide com uma dignidade exagerada e disse alto e bom som:

— É o teu mortal de estimação.

— Kratos? — Athena franziu o sobrolho. Zeus dissera-lhe que ele próprio olharia por Kratos até depois da cerimónia de homenagem. — O que tem ele?

— Bem, achei que gostarias de saber, tendo em conta toda a ajuda que ele te deu e a preocupação que por vezes sentes por ele...

— Hermes.

Ele encolheu-se, apenas um pouco.

— Sim, sim. Aqui está: observa.

Hermes levantou o caduceu e apontou. No ar entre ambos, surgiu uma imagem constituída por uma montanha, mais alta do que se possa imaginar, e um penhasco, impossivelmente íngreme, impossivelmente acima da ondulação do Egeu. Na beira desse penhasco, Kratos parou e pareceu falar, embora ninguém lá estivesse para o ouvir.

— O teu animal de estimação escolheu percorrer um caminho perigoso. Este irá levá-lo ao Hades.

Athena sentiu-se empalidecer.

— Está a acabar com a própria vida?

— Assim parece.

— Não pode! — O mortal desobediente! E onde estava Zeus? Não estava a olhar por Kratos, evidentemente — ou, perguntava-se agora Athena — teria ele dito que estaria a *vigiar* o Espartano? O que seria uma coisa totalmente diferente.

À medida que a sua mente acelerava, avaliando todas as possibilidades e improbabilidades, o Kratos na imagem inclinou-se para a frente e levantou um pé como se fosse dar um passo do penhasco para o ar vazio... depois caiu. Caiu, simplesmente.

Não se debateu. Não gritou. Não pediu ajuda. Mergulhou de cabeça para a morte nas rochas lá em baixo, e no seu rosto existia apenas calma.

— Não previste isto? — Hermes sorriu com arrogância. — Não é suposto seres a Deusa da Providência?

Quando ela voltou o seu olhar firme sobre ele, Hermes conteve aquele sorriso com uma tosse.

— Quando voltarmos a encontrar-nos — disse ela, num tom baixo e mortífero — irei partilhar o que prevejo para *ti*.

— Eu, hum... só estava a *brincar*. — Engoliu em seco. — Só a brincar...

— E é por isso que não considere necessário ferir-te. Para já. — A sua espada cortou o ar à frente do nariz de Hermes. Em sua defesa, este não se encolheu. Muito.

Athena recompôs-se e, com um repêlo de pura vontade, saiu a correr da sala, deixando Hermes para trás, de olhos esbugalhados como uma co-

ruja. À velocidade do pensamento, Athena desceu do Monte Olimpo, até aos penhascos fustigados pela chuva. Chegou ao mesmo tempo que Kratos se precipitava sobre as nuvens esfarrapadas lá em baixo.

O mensageiro tivera razão. Ela não tinha tido qualquer pressentimento de que o suicídio seria o final da história de Kratos. Como podia ter sido tão cega? Como podia Zeus ter deixado que isto acontecesse?

Mais importante: como podia Kratos ser tão desobediente?

O Cemitério de Navios, pensou ela. Fora aí que começara realmente a queda de Kratos. Tinha de ser. *O Cemitério de Navios no Mar Egeu...*





TODO O NAVIO RANGEU E ESTREMECEU, INCLINANDO-SE PARA CIMA, contra a feroz borrasca de inverno, como se tivesse atingido bancos de areia inesperados ali na zona mais profunda do Egeu. Kratos lançou-se de braços abertos sobre a estátua de Athena, na proa do seu navio danificado, com os lábios a descolarem-se-lhe dos dentes, num rosnido animalesco. Acima, no mastro principal, a última das velas quadradas do navio ribombou e estalou na tempestade, como a explosão de um raio próximo. Um enorme bando de criaturas repugnantes e macilentas semelhantes a mulheres hediondas com asas de morcego mergulhava e voava em círculos sobre o mastro, gritando a sua fúria e desejo pelo sangue dos homens.

— Harpias — resmungou Kratos. Detestava harpias.

Um par dos monstros alados guinchou sobre o silvo do vento enquanto mergulhava para golpear a vela com as suas garras incrustadas de sangue. A vela ribombou novamente e depois finalmente rasgou-se, agitando-se sobre o convés e derrubando as harpias com um estalo. Uma desapareceu no borrifado da tempestade; a outra conseguiu endireitar-se, prendendo as garras maliciosamente afiadas no cabelo de um remador. Arrastou o infeliz marinheiro aos gritos e a espernear para o céu, contorcendo-se para enterrear as presas no seu pescoço e banquetear-se com o seu sangue, que caía a jorros, formando um chuveiro sangrento.

A harpia viu Kratos a observá-la e gritou com a sua fúria eterna. Arrancou a cabeça ao marinheiro e atirou-a a Kratos; quando ele arremessou este projétil sinistro batendo-lhe desdenhosamente com as costas da mão, ela atirou o corpo do marinheiro com força suficiente para matar um homem comum.

No entanto, o seu alvo nada tinha de comum.

Kratos desviou-se para o lado e apanhou o cinto de corda do marinheiro decapitado à medida que o cadáver caía a pique. Com um puxão violento, a corda partiu e o cadáver foi lançado sobre a balaustrada, para o mar revoltado. Kratos mediu o mergulho da harpia enquanto ela se lançava sobre ele como um falcão, com as suas garras semelhantes a facas estendidas para lhe arrancar os olhos.

Instintivamente, Kratos levou as mãos atrás, por cima dos ombros, à procura das enormes espadas de corte gémeas, cruelmente curvadas e sobrenaturalmente afiadas que repousavam nas suas costas: as suas armas de assinatura, as Lâminas do Caos, tinham sido forjadas pelo deus ferreiro, Hephaestus, nas fornalhas do próprio Hades. As correntes dos seus cabos contornavam-lhe os pulsos e atravessavam-lhe a carne, queimando-a, até se fundirem com os seus ossos — mas no último instante, Kratos deixou as armas gémeas no seu lugar.

Uma harpia não merecia que as sacasse.

Fez estalar o cinto do marinheiro assassinado, como um chicote. Este rodopiou descontroladamente, indo de encontro à harpia que mergulhava, e enrolou-se à volta do seu pescoço. Kratos saltou da estátua para o convés lá em baixo, com o seu peso súbito a arrastar a criatura do céu. Prendeu-a ao convés com uma sandália enquanto puxava a corda para cima com uma fração da sua força total. Essa fração era suficiente: a cabeça da harpia soltou-se do corpo e rodopiou no ar.

Com a mão livre, Kratos apanhou a cabeça, agitou-a para o bando estridente que voava em círculos lá em cima, e bramiu:

— Vinde cá abaixo novamente! Vede o que vos aconteceu!

Enfaticizou o seu desafio arremessando a cabeça cortada contra a harpia mais próxima com uma precisão mortífera e uma força incrível. Atingiu-a em cheio no rosto, cortando-lhe os guinchos como o golpe de um machado. As presas e o traseiro misturados, enquanto caía do céu para se despenhar na agitação da tempestade, a três palmos dos remos a bombordo.

Kratos limitou-se a olhar com fúria. Matar aquelas criaturas vis nem chegava a ser divertido.

Não constituía um desafio.

O olhar furioso de Kratos tornou-se mais intenso quando a tempestade lhe deu um vislumbre do mercador que andava a perseguir. O enorme navio ainda tinha duas velas içadas e estava a afastar-se, correndo à frente do vento. Outro instante mostrou-lhe porque é que o seu próprio navio estava a ficar para trás. Os seus remadores estavam a encolher-se com medo das harpias, enfiando-se em qualquer espaço que conseguissem encontrar sob os seus bancos ou abrigando-se sob o amontoado de remos. Com um

rosnido sem palavras, Kratos apanhou um remador em pânico pelo pescoço e, com uma mão, levantou o homem acima da sua cabeça.

— O único monstro que deveis temer sou *eu!* — Com um estalar rápido e sem esforço do pulso, atirou o covarde para o meio das ondas. — Agora, *remai!*

A tripulação sobrevivente aplicou-se nos seus remos com uma energia frenética. A única coisa que Kratos odiava mais do que harpias era um covarde.

— E *tu!* — Agitou o seu punho gigantesco para o timoneiro. — Se eu tiver de voltar aí para dirigir, dou-te de comer às harpias! Estás a avistar o navio? — O seu bramido gutural fez com que o timoneiro se encolhesse. — *Estás?*

— A um quarto de légua da proa, a estibordo — gritou o timoneiro. — Mas ainda tem vela! Nunca o apanharemos!

— Havemos de o apanhar.

Kratos tinha vindo a perseguir o navio mercante havia dias. O outro comandante era um marinheiro astuto e habilidoso. Tentara todos os truques que Kratos conhecia e até alguns truques novos, mas a cada dia que passava, a galera lustrosa de Kratos tinha encaminhado o mercador inevitavelmente na direção do único perigo a que nenhuma embarcação poderia sobreviver: o Cemitério de Navios.

Kratos sabia que a sua presa tinha de mudar de direção. Entrar naquele estreito amaldiçoado era o último erro que qualquer comandante cometeria.

Mais adiante, erguendo-se como rochas recortadas no meio do estreito apertado, jaziam inúmeras carcaças desfeitas de navios que, devido ao azar ou a um erro nos cálculos, tinham entrado no cemitério. Ninguém sabia quantas poderiam haver — centenas, talvez, ou milhares, a tombar nas marés e nas contracorrentes traiçoeiras, esmagando os seus cascos uns contra os outros, até que, finalmente, ou se desfaziam em destroços estilhaçados a flutuar ou deixavam entrar água suficiente para afundar. Mas mesmo esse não era o último dos seus perigos. Tantos destroços jaziam no leito marítimo lá em baixo que se acumulavam quase até à superfície do Egeu, criando recifes artificiais, à espera de rasgar o casco de qualquer navio desafortunado que passasse lá em cima. Estes recifes nunca poderiam ser mapeados, uma vez que nenhum navio que tivesse entrado no cemitério alguma vez o deixou. Tantos marinheiros tinham ali perecido que o próprio mar tinha adquirido um fedor nauseabundo a carne putrefacta.

Kratos anuiu para si mesmo quando o mercador arriou as velas e fez desembarcar os seus remos para dar a volta. Estava prestes a escapar — ou estaria, em qualquer outra região marítima. Mas o navio estava já demasia-

do próximo do Cemitério de Navios. Assim que o mercador começou a inverter o rumo, uma cabeça gigantesca ergueu-se das profundezas e desabou sobre o convés do navio; então o seu pescoço robusto enrolou-se e tentou quebrar o mastro.

Sempre que o vento abrandava por instantes, Kratos ouvia perfeitamente os bramidos e gritos de guerra da tripulação do mercador, enquanto estes golpeavam freneticamente o pescoço da Hidra com espadas curtas e machados de incêndio. Mais cabeças se desenrolaram, vindas das profundezas. Kratos fez sinal ao timoneiro para seguir direito aos outros. Não valia a pena esperar que se libertassem; estavam demasiado ocupados a lutar com a Hidra para se aperceberem de que estavam a ser arrastados para o cemitério.

A toda a volta flutuavam os cascos abandonados e destruídos de navios a quem faltou a proteção dos deuses ou cujo destino estava condenado. A embarcação mais próxima por que passaram tinha claramente chegado pouco antes de Kratos e da sua presa. Cerca de uma dúzia de marinheiros estavam presos ao mastro — empalados por uma única e gigantesca lança. As harpias tinham debicado os corpos. A maior parte dos marinheiros eram meros retalhos de carne que pendiam de esqueletos ensanguentados — mas o que estava mais próximo do mastro ainda estava vivo. O marinheiro avistou Kratos e começou a espernear debilmente, estendendo as mãos numa súplica silenciosa por misericórdia.

Kratos estava mais interessado naquela imensa lança — a sua presença dava a entender que um Ciclope poderia andar por perto. Avançou para impedir que o timoneiro visse o navio da morte.

— Presta atenção ao teu rumo.

— O Senhor Ares *opõe-se* a nós — disse o marinheiro num tom de voz embargado. — As harpias, a Hidra, são agora as suas criaturas! Todas elas. Desafiarias o Deus da Guerra?

Kratos esbofeteou o timoneiro com força suficiente para o atirar ao convés.

— Aquele mercador tem água fresca. Temos de a tirar antes que vá ao fundo, senão morreremos todos a ingerir água do mar. Esquece Ares, preocupa-te com Poseidon. — Voltou a levantar o homem e colocou-o no timão. — E se Poseidon não te preocupar, podes sempre preocupar-te comigo.

Estavam sem água havia dois dias. A sua boca estava mais seca do que o Deserto das Almas Perdidas, e a sua língua inchava. Kratos teria, de bom grado, feito uma troca pela água, mas antes que o negócio pudesse ser feito, o comandante do barco mercador tinha-o avistado e tinha decidido que seria mais sensato fugir como se todos os cães do Hades estivessem a ui-

var-lhe aos calcanhares. Kratos ensinaria ao comandante as consequências de tal esperteza.

Puxou a sua barba curta e pontiaguda, tirando-lhe espessos coágulos de sangue — de harpia ou humano, não sabia nem queria saber. Verificou se tinha ferimentos; no calor da batalha, podemos ser mortalmente feridos sem sequer reparar. Não tendo encontrado nenhum, os seus dedos percorreram inconscientemente a tatuagem vermelha que lhe subia pelo rosto e pela cabeça rapada, antes de descer ao longo das suas costas. O vermelho contrastava profundamente com o branco ósseo da sua pele.

Sangue e morte. Essas eram as especialidades de Kratos. Ninguém que alguma vez o tivesse visto em combate, ninguém que alguma vez tivesse ouvido as histórias das suas proezas lendárias, poderia confundi-lo com qualquer outro homem.

Outro impacto fez com que Kratos fosse contra o seu timoneiro. O navio estremeceu e chiou, e o guincho esmagador continuou incessantemente. O marinheiro caiu ao convés e Kratos segurou o timão — mas este oscilava livremente nas suas mãos.

— O leme! — arquejou o timoneiro. — O leme foi cortado!

Kratos largou o timão inútil e espreitou por cima da popa. Uma das carcaças abandonadas dos recifes de navios tinha perfurado a sua galera como a um peixe — uma verga da mesma espessura do seu corpo tinha subido através do casco e cortara todo o leme às fatias quando penetrou a popa por dentro e por baixo.

— Remos a estibordo! Recuai! Já! — berrou Kratos. — Remos a bombordo! Puxai, pelas vossas vidas inúteis!

Com uma chiadeira semelhante ao ranger de dentes, a galera libertou-se da verga. À medida que a sua proa oscilava na direção do mercador em dificuldades, Kratos ordenou que os remos a estibordo avançassem a toda a velocidade. Voltou-se e resmungou com o timoneiro.

— Aumenta o ritmo! Despacha-te!

— Mas... estamos a *afundar*!

— Fá-lo! — Kratos voltou-se novamente para os remadores. — O primeiro verme covarde a tirar as mãos do seu remo morrerá no seu lugar!

A tripulação fitava-o como se os deuses o tivessem enlouquecido.

— Agora! *Puxai!*

Ao mesmo tempo que a popa se afundava cada vez mais na água, a galera avançava aos solavancos. O mercador estava apenas a cerca de duzentos passos de distância, depois a cento e cinquenta, depois...

Uma enorme vaga levada pelas traiçoeiras contracorrentes do Cemitério de Navios inclinou a galera até meio — e em vez de se endireitar, esta

despenhou-se sobre uma carcaça putrefacta e rapidamente ficou encalhada. O navio de Kratos já não tinha para onde ir, a não ser para baixo.

— Se conseguirdes, segui-me — disse Kratos à sua tripulação.

Se não conseguissem, não eram dignos de ser salvos.

Saltou sobre a balastrada e aterrou como um gato, numa prancha coberta de lodo. Deslizou ao longo desta, rodando os braços para ter equilíbrio. O mar espumava entre as pranchas recortadas à deriva, e cada vaga fazia com que os cascos abandonados se esmagassem uns contra os outros como mós de madeira. Cair nestas águas seria a morte certa.

Quinze metros adiante, flutuava outro navio. O seu mastro tinha sido cortado e, pela aparência das perceves incrustadas e algas podres e enegrecidas que decoravam o casco como grinaldas, o navio tinha ficado prisioneiro no Cemitério de Navios havia muitos anos. Tudo o que ainda flutuasse era melhor do que a sua própria galera, que estava a render-se ao mar, a ser estrondosamente engolida, com um coro de gritos de marinheiros que tinham sido demasiado lentos para saltar borda fora.

Um instante depois, os únicos sons que se ouviam eram o bater das ondas e o ligeiro assobio do temporal que amainava. Caminhando rapidamente por entre os restos desfeitos de navios destruídos, Kratos chegou à carcaça abandonada. A curva alta do casco viscoso parecia impossível de trepar, até para ele.

Fez uma pausa e olhou para trás, para ver se algum dos seus tripulantes o tinha seguido. Apenas uma mão-cheia tinha evitado ser sugada com a galera — a cabeça de uma Hidra ergueu-se das profundezas e abocanhou-os violentamente, matando mais tripulantes ao cortá-los em metades sangrentas. Em silêncio, Kratos assistiu às suas mortes.

Estava habituado a estar sozinho.

A verga em que se equilibrava rolou inesperadamente debaixo de si. Sem hesitar, saltou, com os dedos a esgaravatar pela corrente de âncora incrustada na carcaça. As perceves cortaram-lhe os dedos, mas Kratos limitou-se a rosnar e a agarrar ainda com mais força. Os seus pés encontraram a curva do casco e, cuidadosamente, Kratos subiu, puxando-se para cima ao longo da corrente. Ganhou balanço e subiu para o convés.

Aquele navio estava abandonado havia anos. O mastro tinha partido e deixado lascas denteadas, agora tornadas rombudas pela tempestade e pelas ondas. Kratos voltou-se e olhou para trás, para onde tinha estado o seu navio. Nada encontrou, a não ser a ondulação cinzenta como aço e a espuma quase tão branca como a sua pele manchada de cinzas.

O fedor da tenebrosa putrefação foi o seu primeiro aviso. O segundo foi a queimadura súbita e ardente das correntes fundidas nos ossos dos seus pulsos. Ares tinha sido um amo cruel; Kratos odiava sequer pensar

nele, exceto por um único ato. Ares unira as Lâminas do Caos aos seus braços.

As correntes incorporadas ardiam agora como se pendessem numa fogueira. As chamas escorriam das lâminas nas suas costas, mas mais uma vez não se deu ao trabalho de as sacar. Virou-se e desceu a uma postura de combate, com as mãos bem abertas para agarrar e rasgar. O fedor ganhou uma força pútrida à medida que a sua origem se erguia, tornando-se visível.

Essa origem eram três dos soldados de Ares — os cadáveres a apodrecer de legionários mortos-vivos. Estes eram os únicos soldados que o Deus da Guerra podia agora comandar. Os seus olhos fulguravam com um fogo verde e frio. Tinham carne em decomposição a pender-lhes dos ossos, em retalhos. Sem emitirem um som, precipitaram-se sobre ele.

Embora fossem mortos-vivos, moviam-se com uma rapidez inquietante. Um arremessou uma lança à sua cabeça, pensando obrigá-lo a desviar-se, enquanto outro lançou uma extensão de corrente às suas pernas.

Kratos apanhou o cabo da lança com ambas as mãos, apontando-a para baixo para enrolar as correntes que se moviam como chicotes — então soltou a lança e enfiou a mão nas entranhas viscosas do legionário mais próximo, com os dedos a rasgar a carne apodrecida para lhe apanhar o osso ilíaco a partir de dentro. Kratos apertou com uma força inumana; a articulação da anca do legionário estilhaçou-se, e a criatura caiu. Kratos avançou sem olhar para trás.

Quando o legionário que tinha a corrente voltou a agitá-la, Kratos deixou-a enrolar-se à volta dos seus braços. Não estava preocupado; tinha as suas próprias correntes.

Quando o morto-vivo saltou na sua direção, Kratos passou um laço da corrente com a lâmina à volta do seu pescoço. Com os seus braços gigantes, deu um puxão e arrancou a cabeça do legionário dos seus ombros. O terceiro, abateu-o com um simples golpe de punho, esmagando-lhe o crânio.

Procurou mais criaturas para destruir, mas nada viu. Já sabia que não devia acreditar que todos os monstros tinham desaparecido.

Sensatamente, Kratos usou o tempo que tinha ganho para ir em busca de um caminho entre os navios naufragados que pudesse levá-lo pelos últimos cinquenta e poucos passos até ao mercador.

Uma estátua de madeira a flutuar a alguma distância chamou-lhe a atenção.

— Athena! — Kratos tinha colocado a estátua dela a bordo do seu navio, na proa, como tributo às tarefas que tinha realizado para os deuses nos últimos dez anos. Não tinha a certeza se as missões infundáveis tinham tido a ajuda dos próprios deuses que o enviaram para as cumprir,

ou se teria havido pura sorte. Má sorte. Boa sorte. Nada importava. Ele tinha as lâminas.

Aquela estátua era pouco mais do que um pedaço de madeira mal esculpido, não mais importante do que qualquer um dos destroços que flutuavam por todo o Cemitério de Navios. Ou assim pensara ele. Agora, a Athena de madeira flutuava para cima e para baixo nas ondas, depois subiu a três quartos acima da água e inclinou-se na direção de um emaranhado de vigas flutuantes.

Um estrondo de água e estilhaços atrás de Kratos avisou-o de que tinha sido mais do que a estátua de Athena a libertar-se da sepultura aquática. Saltou, mal conseguindo apanhar uma viga a flutuar. Trepou para cima dela — e algo frio e escorregadio deslizou-lhe pela perna. Rosnou e puxou com mais força, raspando a barriga nua na madeira rugosa. Pôs os pés debaixo de si assim que a mão de um morto-vivo lhe apertou mais o tornozelo e puxou com força.

Kratos deixou-se cair na viga e usou a pressão do morto-vivo na sua perna para ganhar impulso enquanto se puxava para o outro lado para montar a viga, depois mergulhou as mãos no mar. As correntes incandescentes atingiram a água, transformando-a em vapor e queimaram o legionário, de forma que este se sacudiu violentamente e recuou sem puxar Kratos para a sua morte.

Kratos voltou a pôr os pés debaixo de si. A menos de nove metros de distância, a estátua de Athena ainda subia e descia no meio das ondas. A estátua de madeira subiu até quase se libertar da água e voltou-se com uma urgência inegável, inclinando-se como uma pedra-íman atraída pelo navio mercante.

Kratos não precisou de outro sinal. Pulou e saltou, equilibrou-se, escorregou e deslizou ao longo do emaranhado de vigas que flutuavam na direção de um navio naufragado que parecia estar relativamente intacto. Alguns dos tripulantes do mercador deviam ter ali procurado refúgio, fugindo ao ataque da Hidra; pranchas de abordagem, fixas na balaustrada do mercador, estendiam-se sobre o pequeno espaço entre os navios. Se conseguisse pelo menos chegar ao que tinha naufragado, poderia entrar a bordo do navio mercante com facilidade — mas antes que conseguisse chegar à balaustrada, o mar explodiu à sua frente.

Subindo das profundezas invisíveis, surgiu uma enorme cabeça de réptil com olhos semelhantes a escudos de chamas e dentes como espadas reluzentes. As suas mandíbulas conseguiam morder pedaços do mais poderoso navio do Egeu; as suas orelhas cobertas de espinhos estendiam-se mais do que as velas de uma galera; das suas narinas emanava um fumo gélido e sufocante. Ignorou os navios atrás de si, fitando em vez disso Kratos. O

seu pescoço imenso arqueou-se e os seus olhos cintilaram, rugindo sobre o Fantasma de Esparta com um som demasiado vasto para ser considerado um ruído. O estrondo forte como um trovão fez com que Kratos se ajoelhasse. Por instantes.

Kratos levantou-se. Finalmente: algo que valia a pena matar.

Neste dia, tinham morrido harpias às suas mãos. A seguir, seria a Hidra. Com uma satisfação cruel, levou as mãos às costas e sacou as Lâminas do Caos.





— ZEUS, MEU SENHOR... — ATHENA ERGUEU O OLHAR PARA O GRANDE Pai do Céu, sentado no seu trono de alabastro. O Rei dos Deuses estava recostado no seu enorme assento de autoridade, numa pose real e à vontade com o poder que controlava a partir do seu trono elevado. — Zeus, meu amado *pai* — corrigiu ela. Escolheu esta forma subtil de lhe lembrar que era a sua favorita. — Pouco importa o que Ares pensa de mim. Mas atacar deliberadamente o meu humano de estimação... tu baniste pessoalmente esse tipo de comportamento em Troia.

— E mesmo nessa altura Ares não levou esse decreto muito a sério. Se bem me lembro, tu também não.

Athena não se distraía tão facilmente.

— Permitirás que o Deus da Carnificina desafie a tua expressa vontade?

— A *minha* vontade? — A gargalhada de Zeus ecoou pela sala de audiências e por todo o Monte Olimpo. — Acho que desenvolveste uma afeição pessoal por este teu mortal. Como se chama? Ah, sim. Kratos. Poderás estar... a sentir compaixão por ele? Um mortal?

Athena não se deixava apanhar tão facilmente.

— Oiço as súplicas dos meus devotos. Kratos não é diferente.

— Mas preocupas-te mais com ele do que com os outros. Vejo-o nos teus olhos.

— Ele é... divertido. Nada mais.

— Eu próprio já apreciei as suas façanhas. Principalmente quando ainda era o laçao de Ares — a conquistar toda a Grécia? As suas proezas eram

lendárias. Depois teve de estragar tudo com aquele episódio no teu pequeno templo da aldeia...

— Não temos de insistir *ness*e crime em particular, pois não, pai?

Zeus acariciou a sua longa barba de nuvens entretecidas.

— Eu próprio ponderei deter Kratos mais de uma vez, mas... — A sua voz profunda desvaneceu-se enquanto observava uma distância invisível, perdido em contemplação. — Nunca me pareceu a altura certa.

— Não é ele quem precisa de ser detido, pai. E sabes disso. — Como filha favorita de Zeus, Athena atrevia-se a falar com uma irreverência que poderia ter valido a qualquer outro deus a expulsão do Olimpo e uma inflamada descida à Terra para fugir a raios durante um ou dois séculos. Mas mesmo para a sua favorita, a tolerância do Pai do Céu era limitada.

Um franzir ligeiro toldou-lhe o sobrolho, trazendo uma tonalidade roxa-acinzentada às nuvens da sua barba e cabelo. Um trovão distante estalou sobre o Olimpo.

— Não queiras ensinar o padre-nosso ao vigário, filha.

Athena aceitou isto sem exibir sequer uma faísca no seu olhar neutro.

— Esmagarias uma marioneta porque a sua dança é ofensiva?

— Depende da marioneta. — Um ligeiro sorriso afetuosos perpassou a boca do Pai do Céu, e Athena soube que o perigo tinha passado. — E, para ser exato, do marionetista.

— Não tem Kratos sido uma diversão agradável de forma consistente, às minhas mãos? — Athena estava agora em terreno mais sólido. O tédio era uma aflição mais temida pelos deuses do que a praga o era pelos mortais lá em baixo. — As suas peripécias já não te entretêm?

— Não, ele é maravilhoso, filha. A sério.

— Então, pai, porque permites que o meu irmão Ares o atormente desta forma? Ares *está* a tentar matá-lo, sabes?

— Sim, sim — respondeu Zeus. — Mas não tem tido grande sucesso, pois não? Kratos provou ser... agradavelmente resistente.

— As Lâminas do Caos conferem-lhe um poder que supera até os seus consideráveis dons naturais. Mas mesmo assim, ainda achas apropriado que o teu próprio filho leve a cabo a destruição do teu mortal favorito?

— O meu favorito? — Zeus voltou a acariciar a sua barba feita de nuvens de tempestade, pensativo. — Bem, suponho que o é. Na verdade, Kratos pode ser-me útil. Em meu nome, envia-o numa missão a Creta para tratar desse aborrecimento. Ele é a pessoa certa para corrigir o que está errado. Sim, Kratos pode ser-me útil imediatamente. Tem calma, Athena. Falarei com o Senhor das Batalhas quando ele voltar a apresentar-se perante o meu trono e ordenar-lhe-ei que pare com esta perseguição. Será que isso satisfará a minha filha mais adorada?

Athena baixou a cabeça modestamente, para melhor esconder o sorriso ténue que lhe nascia nos lábios.

— É tudo o que posso pedir, senhor meu pai. Estou certa de que Ares não arriscará desagradar-te.

— Ah, estás? — Zeus endireitou-se no trono, trazendo ambas as mãos aos joelhos à medida que se inclinava para Athena. — Há algo que não estás a contar-me, minha pequena deusa. Algum dos teus desígnios avança para tua satisfação. Já vi esse olhar — como quando me fizeste consentir a destruição de Troia se não conseguissem proteger a tua estátua... depois usaste aquele golpe baixo com Odysseus e Diomedes.

O Rei dos Deuses soltou um suspiro maculado pela melancolia.

— Eu *adorava* Troia. Vários dos meus filhos — os teus próprios irmãos semimortais — pereceram a tentar salvar essa cidade. Não voltarei a ser enganado, filha.

— Enganar-te, meu senhor? Como poderia eu esperar fazê-lo? — *E porque precisaria de o fazer?*, pensou ela. *A verdade é suficiente.* — Não sou a Deusa da Justiça, assim como da Sabedoria? E é a justiça que busco aqui, perante o teu trono, amado pai. Kratos sofreu muito às mãos do meu irmão.

— Justiça — murmurou Zeus. — A justiça é uma corrente inventada pelos fracos...

— ... para agrilhoar os fortes. — Athena terminou a frase com o pai. — Já te ouvi a dizer isso. — *Mil vezes*, pensou ela, mas manteve esse comentário desrespeitoso para si mesma. — Não é Kratos quem o pede. Ele não pede a ajuda dos deuses desde o dia em que implorou a Ares que o salvasse perante a horda de bárbaros. Sou *eu* que peço, pai. Ele poderá morrer a qualquer instante — disse Athena. Abriu a mão na direção da fonte dourada que borbulhava ao lado do trono de Zeus. — Observa.

O repuxo da fonte transformou-se numa imagem do Egeu agitado pela tempestade, sujo com os destroços de inúmeros navios. No centro da imagem, havia chamas e relâmpagos a rebentar do aço fulgurante enquanto Kratos usava as Lâminas do Caos como pequenas âncoras para golpear o enorme pescoço de réptil pelo qual trepava implacavelmente, puxando-se para cima para conseguir acertar alguns golpes na cabeça.

— Aquilo é a Hidra? — disse Zeus franzindo ligeiramente o sobrolho, surpreendido. — Hercules não tinha estrangulado esse monstro há anos? E foi sempre assim tão grande?

— Esta é uma nova Hidra, acabada de nascer, senhor meu pai. Esta Hidra é a prole de Typhon e Echidna — os enormes Titãs que tu próprio derrotaste e aprisionaste na Terra, mais profundo até do que o alcance de Tartarus. São os antepassados de todas as asquerosas perversões da natureza que o meu irmão inflige sobre Kratos.

Zeus, que até aí franzia o sobrolho por estar surpreendido, ficou com um semblante cada vez mais de desagrado.

— Soltar essa criatura atrás de Kratos sem a minha permissão sugere uma premeditação da parte do teu irmão, mas há pouco que eu possa fazer para ajudar Kratos. O mar é o reino do meu irmão Poseidon. Só o facto de matar a criatura com o meu raio seria um insulto à sua soberania — e Poseidon é sensível no que toca à sua dignidade, como decerto te lembras.

— Lembro-me, pai. Acredita em mim, lembro-me. Mas não é ajuda nesta crise em particular que procuro. Kratos consegue lidar com esta criatura sem a tua ajuda.

Zeus levantou uma sobrancelha.

— Tens uma fé considerável nas suas capacidades.

— Senhor meu pai, acredito que ele é quase indestrutível. Mas tenho os meus próprios planos para ele, planos que ele não poderá realizar se tiver de estar constantemente a afugentar as legiões monstruosas do meu irmão. Peço apenas que impeças futuros ataques de Ares.

Zeus endireitou-se no trono, reunindo à sua volta o radiante manto da realeza. Voltou-se para a fonte.

— Onde está agora Ares?

Na neblina, arcos-íris rodopiaram para mostrar Ares a caminhar a passos largos por uma terra deserta, como um vulcão que ganhasse vida. O seu cabelo e barba sacolejavam com chamas que ardiam incessantemente, e o negro da sua armadura escurecia o Sol. Cada passo seu esmagava inúmeros homens sob as suas sandálias ensopadas de sangue, como um mortal a pisar formigas.

— Onde está ele? — disse Zeus. — O que está ele a fazer naquele deserto desolado do Egito?

— A espalhar o terror e a destruição.

— Sem dúvida — disse Zeus com um riso de apreço. — É uma pena interromper a sua diversão.

O Rei do Olimpo ergueu o seu poderoso punho e suspirou tão profundamente que alterou os padrões das tempestades ao longo do Mediterrâneo, soltando depois uma única palavra:

— *Ares.*

A imagem do Deus da Guerra contorceu-se visivelmente e depois lançou um olhar tenebroso para trás, por cima do ombro, sem responder. Deliberadamente, recomeçou a esmagar humanos.

— Como se atreve ele a ignorar-me? — Zeus voltou a suspirar, desta vez fazendo com que se formasse geada por todo o lado e com que as nuvens bombardeassem a Terra com granizo.

— *Meu filho, a tua presença é exigida no Olimpo.*

Novamente, o Deus da Guerra contorceu-se mas limitou-se a baixar a cabeça taciturnamente, como se não ouvisse.

— Tens de parar imediatamente o teu ataque da Hidra. Preciso do mortal Kratos. Ares? *Ares! Não serei ignorado quando te dou uma ordem.*

As sobranceiras de Zeus uniram-se, e as nuvens da sua barba e da sua cabeleira fluida escureceram como uma tempestade de inverno. Athena deu um passo ao lado. Tinha previsto este momento com tanta certeza como um oráculo que visse refletido na água o futuro vedado aos seus poderes divinos, e não queria intrometer-se.

Zeus levantou a mão, com a palma para cima, e aí se formou uma pequena lança feita de energia cintilante. Sacudindo a mão, como se estivesse apenas a afugentar uma mosca, soltou o raio. Este passou por Athena em chamas e voou para o céu com um clarão. Um instante depois, o relâmpago atingiu o deserto da imagem, tão próximo de Ares que o deus recuou perante a explosão de rocha derretida e areia fundida.

O Deus da Guerra levantou o rosto para o céu, mostrando os traços contorcidos devido a um amargo ressentimento; Athena conseguia sentir a raiva do deus a partir daquela terra devastada e doentia.

— *Porque me perturba o meu pai enquanto faço o meu trabalho?*

— *Não te cabe perguntar* — vociferou o Rei dos Deuses. — *Cabe-te obedecer. Vem ao Olimpo e ajoelha-te perante o trono para implorar perdão.*

— *Não o farei, enquanto essa cabra e porca traidora, mentirosa e frígida a que chamas minha irmã estiver sequer perto desse lugar. O fedor da sua corrupção repele todos os deuses honestos.*

Zeus pôs-se de pé. Havia relâmpagos a brincar no seu sobrolho.

— *Atraves-te a desafiar-me?*

— *O teu raio apanhou-me desprevenido. Não voltarei a deixar-me assustar tão facilmente.* — Ares colocou os seus poderosos punhos sobre as ancas. Cada movimento seu fazia com que as suas armas ressoassem com o som de uma batalha. — *Convido-te a deixares esse trono acolchado no teu palácio perfumado com mel e saíres para o mundo, para me apanhares.*

— *Cuidado, Ares. O meu raio pode atingir-te até mesmo a ti.*

Ares sacudiu os seus caracóis incandescentes, num gesto de desdém.

— *Pensas que me assustas com luzes e barulho? A mim? O Deus da Guerra? Serei uma virgem fria, covarde e cinzenta, a suplicar perante o teu trono, a proclamar mentiras e perfídia? Sou Ares. Se pensas criar uma guerra contra mim, pai, recorda-te que a guerra é o meu reino!*

— *Estás a ver?* — disse Athena suavemente. — *Está como te disse. A sua loucura floresce a cada dia que passa. Se se atreve a desafiar as tuas ordens, a que não se atreverá? Pai, poderá ser necessário...*

— Não — disse Zeus severamente. — Não, Ares não é tolo ao ponto de me desafiar.

Athena viu que o Pai do Céu disse uma coisa e pensou outra. Fazer com que Zeus assumisse a proteção de Kratos, mesmo que por pouco tempo, dera-lhe uma grande oportunidade.

— A pena para a desobediência não é a morte?

— Eu decretei que os deuses não irão guerrear uns com os outros. Nenhum deus poderá assassinar outro deus. Esta lei é *absoluta* e aplica-se até a mim. Eu e os meus irmãos destruimos os Titãs porque eles lutavam constantemente entre si; o seu ressentimento por causa de contendas antigas e nunca esquecidas dividiu-os até ser tarde de mais. Os Olímpicos não sofrerão o destino dos Titãs. Se Ares tiver de ser... destruído, não será pela minha mão. Nem pela tua, Athena.

Athena baixou a cabeça, mais uma vez para esconder o sorriso que lhe nascia nos lábios.

— Como o meu pai ordenar. Não anseio pelo sangue do meu irmão.

— Não acredito que ele dissesse o mesmo de ti.

Ela abriu as mãos, num gesto de impotência.

— Ele não consegue aceitar que agora eu controle Kratos e todos os exércitos da humanidade, enquanto que entre as suas legiões se contam apenas os mortos-vivos e a prole tenebrosa de Typhon e Echidna. Mas ele não foi enganado, nem sequer tratado injustamente. Estavas lá, pai. Viste a competição e testemunhaste que Ares concordou com a minha proposta de livre vontade.

— Sim. E nessa altura vi o mesmo brilho no olhar que tens agora. Ele não considerou o que a tua proposta poderia significar — e tu sabias bem que ele viria a arrepender-se deste negócio.

— O meu irmão é impulsivo e casmurro. Tenho culpa que o seu anseio por carnificina subjogue a sua razão? Mesmo que eu lhe tivesse oferecido o dom da minha providência, achas que o teria aceite?

Zeus abanou a cabeça, sorrindo carinhosamente apesar do tema sinistro da sua conversa.

— Nem sequer o Rei do Olimpo pode vencer uma discussão contra a deusa dos estratagemas. O que propões?

— Se ele não pode ser assassinado — disse Athena cuidadosamente — pode ainda assim ser humilhado.

— Uma lição de humildade pode muito bem ser concedida, visto que não posso permitir-lhe que ignore as minhas ordens desta forma arrogante — murmurou Zeus, pensativo. — Como pretendes ensiná-la?

— Não sou a professora de que Ares precisa — disse Athena, continuando a falar apenas a pura verdade. — Se ao menos o senhor meu pai falas-

se com o seu irmão Poseidon e pedisse que o Rei dos Oceanos me recebesse e ouvisse as minhas palavras, a lição ensinar-se-ia sozinha.

— Deveras? — A centelha de relâmpagos voltou ao sobrolho de Zeus, e este semicerrou os olhos com desconfiança. — Também planeaste isto, não foi? Parece um estratagema demasiado intrincado para tão pequena recompensa.

— Embaraçar o meu irmão nunca foi o meu objetivo — disse Athena.

E também isto era verdade, absoluta e inequívoca. O plano de Athena nunca fora envergonhar o irmão. Desde o incidente de Kratos no templo da sua aldeia, Athena tinha compreendido outra verdade, uma que o resto dos Olímpicos só tinha começado a vislumbrar: Ares era mais do que casmurro e desobediente, bem mais do que brutalmente ambicioso e sedento de sangue.

O Deus da Guerra era louco.

DESCENDO DO OLIMPO, VEIO A DEUSA DA SABEDORIA E DA GUERRA. Cada passo seu fazia com que os pássaros cantassem. Rapidamente, as doces melodias das aves transformaram-se no curso da água a bater nas costas rochosas. O chuvisco salgado enevoou-lhe o rosto e adornou-lhe o cabelo com gotas, como constelações de estrelas feitas de diamante. A sua armadura de bronze reluzia ao sol tropical e brilhante.

Quando finalmente parou, ficou especada numa linha costeira que se estendia para ambos os lados, a uma distância que nem um deus conseguiria avistar. À sua frente, o mar infinito erguia-se até ao horizonte longínquo.

— Ó poderoso Senhor das Profundezas, a Deusa da Guerra gostaria de falar contigo — disse ela. — Atenta ao pedido do meu pai e ouve as minhas palavras.

Athena esperou. Seria isto um insulto deliberado? Ainda estaria Poseidon a amuar por causa da destruição de Troia? Ou seria este o fruto de um rancor mais antigo? Nunca tinha tido uma relação propriamente amigável com o Rei dos Oceanos, desde aquela contenda sobre o nome da cidade que era agora Atenas.

Talvez devesse ter trazido um presente.

Finalmente, o oceano começou a efervescer no horizonte longínquo. A espuma em agitação correu para a margem onde estava Athena, e um instante depois um vasto remoinho subiu com rugido, unindo o mar ao céu infinito. A pairar no centro da coluna escarpada de água erguia-se Poseidon, com os braços musculosos cruzados sobre o seu peito denso. A sua coroa tinha uma crosta de perceves e do seu tridente pingavam sangue e entranhas.

— Trago saudações do Olimpo, Senhor Poseidon — disse ela, fazendo uma vénia exagerada.

— Não tenho tempo para ti, Athena. — O Senhor do Mar fez um gesto seco sobre o seu ombro, com o tridente. — Os meus assuntos levam-me bem para lá dos Pilares de Hercules.

Athena anuiu com a cabeça, num gesto de compreensão.

— A Atlântida, outra vez?

— Aquela gente *nunca* para de dar problemas — resmungou Poseidon.

— A paciência que tens com eles é admirável.

— Admirável, talvez, mas a irritação é uma lâmina que talha a minha paciência e a deixa perigosamente fina. O meu irmão pediu-me que ouvisse o teu pedido. Por respeito a ele, ouvirei. — O deus marítimo inclinou-se para ela. — Por pouco tempo.

Athena levantou uma mão aberta.

— Não deixemos que haja hostilidade entre nós, meu tio. A nossa disputa deveria diminuir com o tempo, não é assim? Não foi assim tão significativa que as suas feridas devam continuar a ser inflamadas até hoje.

Poseidon ergueu-se a uma altura ainda maior e apontou o seu tridente na direção de Athena.

— Aquela cidade devia ser *minha!* Atingi a rocha na qual repousa a Acrópole...

— E de facto brotou uma fonte, mas de água do mar — disse Athena num tom compreensivo. — Terei culpa que o povo da cidade tenha preferido a minha oliveira à tua fonte de água salgada?

Com um ar carrancudo, o deus marítimo disse:

— Atenas é um *péssimo* nome para uma cidade.

— Poseidia seria mais melodioso — admitiu ela. — Se o meu adorado tio pudesse ser apaziguado por algum gesto mais *substancial*, espero lembrar-te que os Atenienses — graças ao patronato generoso do senhor meu tio — são os melhores marinheiros de todo o mundo conhecido. A sua força está na sua marinha e de facto honram o Senhor do Oceano todos os dias.

— Bem... — resmungou Poseidon; era o som das ondas a bater contra um penhasco desprotegido. — Suponho que é verdade. Deixemos os nossos desentendimentos para trás, minha sobrinha. Que assunto te traz hoje à minha costa infinita?

— Senhor meu tio, vim pedir desculpa pelo insulto mortífero do meu irmão à tua soberania.

— O quê? — As sobranceiras feitas de espuma do mar de Poseidon uniram-se e o chão debaixo dos pés de Athena soltou um murmúrio de aviso. — *Qual* irmão?

— Ares, claro. Que outro deus se atreveria a tentar a tua fúria com tamanha ousadia?

— Para além de ti?

— Sei que ultimamente tens andado preocupado com a Atlântida — o que é a única explicação plausível para permitires que os monstros de Ares infestem os teus mares sem obstáculos.

— Infestem os meus... — O seu olhar tornou-se distante e o que a sua visão divina encontrou fê-lo arquejar como uma baleia ruidosa. — Uma Hidra? No meu Cemitério de Navios! O *descaramento* — já disse a Zeus, vezes e vezes *sem conta* que ele é *demasiado* permissivo com os seus filhos! Ares devia ter passado uma era inteira ao lado de Sísifo! Eu não sou tão perdulário como o meu irmão. Vou esmagá-lo! Onde está ele? Onde?

— Longe do teu reino, senhor meu tio — a salvo num deserto distante.

Poseidon soltou um bramido, ergueu um punho e o mundo inteiro estremeceu.

— Será que me chamam Agitador da Terra por nada?

— Senhor meu tio, por favor! — gritou Athena. — Não deixes que a tua fúria caia diretamente sobre ele! Não é vergonha nenhuma ser superado pelo grande Poseidon, soberano de dois terços de tudo o que existe. Nenhum deus menor pode aspirar a enfrentar um dos reis irmãos. Se queres realmente punir Ares, deves ferir o seu *orgulho*.

Os tremores desvaneceram-se.

— Isso é verdade — admitiu Poseidon. — Mas qual a melhor maneira de o fazer?

— Mostra a todos os deuses como até um mero mortal pode levar a melhor sobre os planos de Ares e ir contra a sua vontade — disse Athena com uma desconfiança estudada.

— Sim, assim será — disse Poseidon. — Mas qual mortal? Hercules? Ele não está ocupado algures em Creta? Peirithous está no Hades, Theseus está velho, e Perseus — sabe-se lá o que tem andado a fazer? Acho que não é de confiança.

— Há outro — disse Athena, esforçando-se por não mostrar nenhum sinal de emoção. — O senhor meu tio já ouviu falar de um mortal em particular, a quem os homens chamam o Fantasma de Esparta? O seu nome é Kratos.

O grande Poseidon inclinou-se na direção de Athena, interessado.

— O Punho de Ares?

— Já não é o Punho de Ares — agora, o Fantasma de Esparta serve-me *a mim*. Não foste ao Desafio dos Deuses da Guerra?

Poseidon anuiu lentamente com a cabeça, lembrando-se.

— Sim, sim, claro. Tinha-me esquecido — o destino dos exércitos que se deslocam por terra pouco importa para o mar.

— Kratos tinha renegado o seu serviço a Ares ainda antes de eu o ter ganho, a ele e ao resto dos exércitos da humanidade, no desafio.

— Ah, sim, recordo-me, agora que falas nisso — teve algo a ver com aquele teu pequeno templo da aldeia que Kratos saqueou, não foi?

— Sim, tio. E para Kratos, foi um horror impossível de imaginar. Assombra-o até hoje.

— Então este Kratos é o mortal que tens em mente?

— A tua perceção é justamente lendária, senhor meu tio. Ares odeia Kratos com uma intensidade que até os deuses mal conseguem compreender e apenas um distante sonho de vingança sobre o Deus da Carnificina faz com que Kratos continue a lutar. Não poderá haver maior vergonha para Ares do que ser derrotado por Kratos.

— Como pode qualquer mero mortal esperar subjugar as legiões de Ares?

— Quiseram as Moiras — disse Athena, com um certo brilho a iluminar o cinzento dos seus olhos — que eu tivesse uma ideia...



DURANTE HORAS, KRATOS LUTOU AO LONGO DO CEMITÉRIO DE NAVIOS.

As Lâminas do Caos inflamavam-se num movimento constante, subindo e descendo, chicoteando até à extensão máxima das suas correntes inquebráveis, atravessando a carne em decomposição e o osso amarelado e quebradiço dos legionários mortos-vivos, despedaçando as escamas das cabeças da Hidra, perfurando olhos, cortando línguas e abrindo gargantas. Golpeavam e retalhavam, apunhalavam e furavam e durante tudo isto ardiam com uma chama antinatural, como se os fogos infernais da forja do Hades brotassem das suas extremidades para incendiar as vidas de todos aqueles que tocavam.

Kratos ardia com o mesmo fogo. Cada fragmento de vida de qualquer criatura que as lâminas ceifavam voltava num fluxo, subindo pelas correntes até onde estavam fundidas com os ossos dos seus pulsos. As vidas roubadas recarregavam-lhe o corpo e inundavam-lhe a mente com uma fúria inesgotável. Se não estava a matar, era apenas porque estava a correr na direção de novas vítimas. Nunca parava.

Nunca abrandava, sequer.

As lâminas eram inquebráveis; não podiam ser riscadas ou ficar rombudas. Até mesmo o sangue negro e a carne em putrefação que deviam ter coagulado e incrustado as lâminas e as suas correntes simplesmente desapareciam, consumidos por um fogo artificial. Kratos corria de navio em navio, equilibrando-se em vigas flutuantes sobre mares agitados pelo frenesim dos tubarões que se alimentavam lá em baixo e lutavam por restos das suas vítimas. Os navios misturavam-se num labirinto terrível e infinito

de conveses, mastros, velas e redes de carga; e havia sempre a torrente sem fim de mortos-vivos desmiolados a atacar com a mesma sede de sangue maníaca, mais harpias a descer em voo picado e a arranhá-lo com as suas garras manchadas de excrementos.

Kratos já não sabia se estava a aproximar-se do mercador que tinha seguido até este inferno aquático ou se estava a afastar-se ainda mais. Não queria saber. Não pensou nisso nem em qualquer outra coisa. Entregou-se à sua tarefa com o alegre abandono de um devoto de Baco e perdeu-se na pureza da matança descontrolada.

Estava a matar. Estava feliz.

Continuou a lutar até o seu caminho estar novamente bloqueado por outra cabeça da Hidra que se erguia. Cada cabeça que enfrentava era maior do que a cabeça anterior. Quando esta enorme fera escancarou a mandíbula para rugir, Kratos bem poderia ter sido projetado para dentro de um túnel com os lados escuros e húmidos de saliva. Tudo o que conseguia ver à sua frente era a boca gigantesca, que aberta era duas vezes maior do que o seu corpo, e os dentes amarelados e afiados como lâminas. Passou as mãos por cima dos ombros e agarrou os cabos das Lâminas do Caos.

A Hidra precipitou-se para a frente, ondeando sinuosamente o seu pescoço aparentemente infinito. Kratos desviou-se, baloiçou-se para lá dos dentes a bater e fez chicotear as correntes que seguravam as Lâminas do Caos à volta do seu pescoço espesso. Com os músculos a incharem devido ao esforço, apertou com mais força, torcendo cada vez mais os elos e estrangulando a criatura com as suas correntes. O monstro rugiu de fúria e estalou o pescoço como um chicote para o sacudir. As correntes deslizaram e as escamas da fera raspavam-lhe os braços, que escorreram para um pântano de sangue.

Kratos pontapeou com força, contorceu-se e girou sobre si, usando as correntes como o cinto de um alpinista para voltar a subir pelo pescoço, à força. Mas o seu movimento seguinte aconteceu no pior momento. Quando o monstro voltou a contorcer-se, a força do próprio pontapé de Kratos sacudiu-o, fazendo-o ficar pendurado pelas correntes — e a Hidra abocanhou-o no ar como um sapo apanharia uma mosca incauta.

As mandíbulas da Hidra fecharam-se, parecendo os seus dentes espadas a cravar-se nos antebraços de Kratos. Outro herói teria ficado sem ambas as mãos, mas as correntes fundidas com os seus ossos não podiam ser quebradas, exceto pelo próprio Deus da Guerra. Apertar mais o maxilar só fez com que o monstro lascasse os dentes — mas a Hidra não mostrou sinais de desistir.

Enquanto se debatia, Kratos apercebeu-se de que aquele monstro poderia enviá-lo para os braços do Senhor Hades. Em esforço, tentou libertar

os braços das mandíbulas esmagadoras da Hidra, puxando-os, depois parou e olhou freneticamente para baixo, para dentro do redemoinho no mar. Havia tubarões a abocanharem-se uns aos outros — e aos pés de Kratos. A dor aguda das suas grevas a serem atravessadas pelos dentes de um tubarão gigantesco obrigou-o a lutar em duas frentes.

A decisão de qual seria a ameaça mais imediata deixou-o com um nó no estômago. A morte ameaçava com tubarões sedentos de sangue e com a Hidra.

Incapaz de libertar os braços, levantou as pernas, afastando-as dos tubarões vorazes e tentou encontrar algum apoio. A dor percorria-lhe toda a extensão dos braços, desde a zona onde as mandíbulas da Hidra apertavam com uma força capaz de quebrar ossos, subindo-lhe até aos ombros. Grunhindo devido ao esforço, deu um puxão — e só fez com que os dentes da Hidra se enterrassem ainda mais nos seus antebraços.

Quando a Hidra começou a sacudir a cabeça, abanando-o como se fosse uma ratazana presa nas mandíbulas de um cão de caça, Kratos viu a sua oportunidade. Um pontapé de Kratos conseguia empurrar um navio de guerra para fora da sua doca. Dobrou-se, trazendo os joelhos para debaixo dos seus braços presos. Quando as suas grevas e sandálias começaram a atacar o focinho da Hidra, a criatura só conseguiu rosnar de dor e fúria.

Kratos pontapeou com mais força, mais depressa. Agora, era o desespero que o movia. Os seus braços ficaram frios, dormentes, sem sangue. Ambos os pés trabalhavam como se estivesse a esmurrar a fera com os punhos. Um pontapé de sorte atingiu o olho da Hidra, fazendo com que o rosnido da criatura se tornasse um rugido de dor que libertou os braços de Kratos e o atirou para cima, fazendo com que desse uma pirueta no ar. Quando Kratos chegou ao cimo do arco que desenhara no ar, a Hidra esticou-se na sua direção, escancarando a boca para o apanhar como uma guloseima atirada ao acaso.

Num único instante, Kratos sentiu-se ao mesmo tempo assustado e triunfante.

À medida que caía, recolheu as Lâminas do Caos com um movimento suave, fazendo-as repousar sobre as suas costas. Enrolou-se, formando uma bola apertada e deixou que a boca da criatura se fechasse com estrondo à sua volta — mas antes que esta pudesse engoli-lo, Kratos fincou os pés na mandíbula inferior da Hidra, apoiou as costas contra as saliências viscosas do enorme palato acima de si e *empurrou*.

A mandíbula da criatura começou a abrir-se. Kratos esforçou-se como Hercules a levantar o céu dos ombros de Atlas. A Hidra debateu-se com todo o seu poder monstruoso para voltar a morder, mas quando o Fantas-

ma de Esparta estava preparado, nenhum poder à face da Terra poderia esmagá-lo.

Assim que conseguiu esticar as pernas ao máximo, Kratos enfiou as mãos por cima dos ombros e continuou a forçar a abertura da boca da Hidra, apenas com o poderio dos seus braços. Ouviu-se um estalido semelhante à fratura de uma retranca, vindo da articulação da mandíbula do monstro, mas Kratos não abrandou e não desistiria. O medo tinha desaparecido, substituído por um triunfo gélido. Com um esforço enorme, atirou os braços para cima e agora o som não era tanto um estalido mas um rugido esmagador e opressivo e um som semelhante a couro molhado a rasgar-se, à medida que a mandíbula da Hidra se estilhaçava e as suas faces se desfaziam em pedaços.

A Hidra estremeceu e soltou um rugido ensurdecedor e Kratos libertou-se ao pontapé, saltando para o convés do navio mais próximo. O pescoço sem fim e a gigante cabeça destruída voltaram a deslizar para as águas tenebrosas do Egeu, que agora se agitava e efervescia ainda mais, à medida que os tubarões vorazes que nadavam em círculos lá em baixo provavam o sangue da Hidra. Da última vez que Kratos viu, os tubarões estavam a precipitar-se como corvos para dentro da boca da Hidra, arrancando pedaços sangrentos da sua língua ondulante. Para eles, não importava se a carne que comiam era humana ou de um monstro. Avidamente, atacaram o focinho da Hidra, arrastando-o para debaixo da superfície agitada.

No entanto, mesmo essa cabeça gigantesca não chegava para todos os tubarões. Centenas — milhares! — nadavam incessantemente em círculos, agitando o mar com as suas barbatanas enquanto cada um esperava conseguir a sua própria refeição.

Kratos tê-la-ia proporcionado de bom grado aos seus aliados involuntários. Aos seus pés, o seu sangue tingia a água que lhe escorria pelas pernas. Engatar um ou dois tubarões nas farpas das Lâminas do Caos roubaria vida suficiente para fechar aqueles cortes menores. Agarrou a balaustrada e puxou-se para cima do fragmento inclinado do convés — mas quando sacou as lâminas, os tubarões que nadavam em círculos afastaram-se rapidamente. Tinham descoberto um banquete por sua conta.

Literalmente.

Para onde quer que Kratos olhasse, havia tubarões a flutuar com os seus olhos negros fixos e arregalados. Alguns começavam a inchar e a outros tinham-lhes rebentado as entranhas, e até os tubarões que se acumulavam em redor destes que estavam mortos para atacar a sua carne envenenada começaram rapidamente a virar as suas próprias barrigas para o céu.

Comer uma Hidra era tão fatal como ser comido por ela.

Tirou um momento para revistar a carcaça desfeita onde se encontra-

va, à procura de uma pipa, uma banheira, qualquer coisa que pudesse ter contido água. Até um balde virado para cima podia ter apanhado água da chuva suficiente para saciar a sua sede ardente, mas não havia nem uma gotinha que pudesse ser encontrada, nem no convés nem no porão inferior, onde ainda conseguia chegar. Depois viu o barril junto ao leme; água para o timoneiro. Kratos avançou para ele a passos largos e enfiou a cabeça na água para beber avidamente.

Atirou-se para trás e cuspiu, com a bÍlis a subir-lhe à garganta. A água salobra queimava-lhe a boca. Voltou a cuspir, desta vez praguejando.

— Que os oceanos virem pó! Não pode saber pior do que isto!

Mas assim que estas palavras lhe saíram dos lábios, uma luz sobrenatural fulgurou, subindo das profundezas invisíveis do porão afundado em que se encontrava. Onde antes tinha havido apenas uma antepara putrefacta e suja, existia agora uma arcada de alabastro e pérolas, duas vezes mais alta do que Kratos e mais larga do que os seus braços poderiam abranger. Essa arcada emoldurava um rosto gigantesco, brilhante como o fulgor do Sol num mar calmo, o rosto de um homem cuja barba era feita de espuma do mar e cujo cabelo estava entrançado com algas negras e reluzentes.

— *Tens assim tão pouca consideração pelo meu domínio, Kratos?* — A voz repreensiva e ao mesmo tempo tolerante ecoou como um maremoto a rebentar contra um penhasco perfurado por grutas. — *Navegaste nos meus mares durante dez anos, nas tuas demandas, sem naufragares nem te afogares numa tempestade — não é uma prova da minha consideração por ti?*

— Senhor Poseidon. — O tom de Kratos era respeitoso, mas não curvou a cabeça. — Como posso servir o Rei dos Oceanos?

— *Esta Hidra que empesta o meu belo Egeu é uma criatura daquele que em tempos foi o teu mestre, Ares. A sua existência é um insulto. Gostaria que a destruísse.*

— Planeio fazê-lo.

— *Fica sabendo que até agora limitaste-te a arranhar esta monstruosidade — as suas cabeças secundárias, tais como aquela que destruístes, são inúmeras. A Hidra mal dá pela sua perda.*

— Então como a mato?

— *Tens de destruir a cabeça principal — a que contém o cérebro da criatura. A cabeça principal é dez vezes maior do que as outras e o seu poder é quase ilimitado.*

Kratos não queria saber do seu poder.

— Como a encontro?

— *Irei levar-te lá. E para te ajudar na tua tarefa, irei emprestar-te uma pequena fração do meu próprio poder.*

Kratos tinha a sensação de que o deus marítimo não veria uma recusa com bons olhos.

— Que tipo de poder?

— Sabes como a minha raiva faz com que a Terra trema e a minha cólera origina tempestades marítimas a que nenhum navio pode sobreviver. Avança para a arcada onde vês a imagem do meu rosto e conceder-te-ei um poder como nunca conheceste — irás comandar um fragmento da minha fúria.

O que quer que fosse a Fúria de Poseidon, não poderia magoar mais do que ter as correntes das Lâminas do Caos queimadas nos braços.

— Certo — disse ele. — Matemos este monstro.

AO ENTRAR NA ARCADA, KRATOS FOI ATINGIDO POR UM CLARÃO ofuscante e pela sensação de ter os ossos a arder, a queimá-lo de dentro para fora. Ao sair pelo outro extremo, mergulhou num ambiente obscuro, frio e húmido que cheirava a suor e urina. A lenta oscilação do chão disse-lhe que ainda estava a bordo de um navio. À medida que os seus olhos se adaptavam à escuridão, conseguiu distinguir as formas do que parecia ser carga fixa por correntes em ambos os lados. À sua frente, ouviu uma voz a soluçar — um homem a chorar como uma criança, a implorar para ser libertado.

Kratos avançou para a entrada do corredor central, agachando-se, pronto para o combate. Ouviam-se gritos vindos de cima, e Kratos suspeitou que o deus marítimo tinha cumprido a sua palavra. Havia luz numa arcada mais adiante e, assim que se aproximou dela, descobriu que o que parecera ser carga no escuro eram, na verdade, pessoas — pessoas demasiado doentes ou famintas para sequer se mexerem.

À nova luz, Kratos viu o brilho esverdeado das algemas de bronze nos tornozelos destas pessoas e corrigiu a sua própria correção. Estas pessoas eram mesmo uma carga.

Era um navio de escravos.

Kratos abanou a cabeça para si mesmo; se havia escravos, significava que decididamente haveria água fresca por perto — os escravos eram demasiado valiosos para que os deixassem morrer à sede. Alguns conseguiram despertar o suficiente para lhe implorar misericórdia à sua passagem. Kratos ignorou-os. Junto à arcada, um escravo estava amarrado numa espécie de posição de castigo — os seus pulsos estavam algemados juntos e pendia de uma corrente curta presa ao teto. A corrente tinha apenas comprimento suficiente para que os seus dedos dos pés roçassem o convés à medida que o navio baloiçava. Soluçou com uma voz fina e fraca:

— Por favor... por favor, não me deixes aqui... por favor...

Assim que Kratos avançou na sua direção, os soluços do escravo transformaram-se em gritos.

— Por todos os deuses, imploro-te... por favor!

Kratos parou ao seu lado.

— Se te ajudar, ficas calado?

— Oh, abençoado — que todos os deuses te abençoem por uma boa e gentil... — A voz do escravo desvaneceu-se assim que este finalmente conseguiu focar os seus olhos no seu suposto salvador. — Tu! — A sua voz estava embargada pelo espanto. — O Fantasma de Esparta — sei quem tu és! Sei o que fizeste! Prefiro morrer aqui do que ser salvo por ti!

Kratos sacou uma das Lâminas do Caos e, com uma sacudidela metódica do pulso, cortou a cabeça do escravo.

— A tua prece está concedida.

O escravo estava já tão perto da morte que a lâmina canalizou apenas uma ténue centelha de vida pelas correntes acima. Kratos olhou para trás, para o porão dos escravos, medindo a possibilidade de ganhar mais força e curar-se chacinando-os a todos — mas estavam todos tão doentes que matá-los daria mais trabalho do que o que as suas vidas valiam.

Kratos seguiu em frente. Para lá do porão dos escravos estendia-se uma escadaria larga com portas alinhadas. Os gritos vindos de cima estavam já a enfraquecer e um coro de rugidos trovejantes que fez com que todo o navio estremecesse avisou-o de que havia mais do que uma cabeça de Hidra lá em cima. Quem quer que estivesse a lutar com elas, devia estar a perder. Kratos olhou em redor, procurando por mais alguém que pudesse matar ao subir; precisava de toda a energia que conseguisse arranjar.

As duas portas perto do fim da escadaria eram diferentes das outras. Feitas principalmente de tábuas e fixas com ferro negro, pareciam ser suficientemente fortes para que até Kratos tivesse dificuldade em derubá-las — e enquanto considerava isto, as correntes das lâminas começaram a aquecer, faiscando com pontadas que nem eram desagradáveis. Sacou uma lâmina e empurrou-a contra a porta à sua frente. Uma chuva cintilante de energia respingou sobre a porta e a lâmina nunca chegou a atingir as tábuas. A energia tremeluziu durante mais tempo em redor de uma ranhura profunda numa tábua — uma fechadura. Uma fechadura mágica.

Kratos abanou a cabeça para si mesmo. Portanto, um par de portas que não só eram sólidas como uma fortaleza, mas seladas com elos mágicos e fechaduras místicas e sabia-se lá o que mais. Que tipo de “tesouros” poderia

o comandante de um navio de escravos guardar dentro de tal cofre? Algo mais valioso do que ouro vulgar devia estar guardado atrás daquela porta. O que quer que fosse, poderia vir a ser útil.

O CONVÉS PRINCIPAL PARECIA UM MATADOURO, ONDE A CARNIFICINA ainda continuava. Para onde quer que Kratos se virasse, havia marinheiros a lutar contra legionários mortos-vivos ou a tentar afastar as cabeças da Hidra com longas lanças. Cada tábua no navio estava escorregadia devido ao sangue, coberta de carne de mortos-vivos em decomposição, ou as duas coisas. Este açougue fétido de gritos, pânico e desespero lembrou-lhe os seus dias de juventude, os ataques-surpresa nos quais tinha levado os seus companheiros espartanos, em tempos há muito idos, antes de ter jurado ficar ao serviço de Ares.

Evidentemente, nessa altura não houvera tantos soldados mortos-vivos. E a Hidra tinha sido apenas uma história de embalar dos Espartanos — porque embora Hercules fosse, devido a um acaso de nascimento, meramente tebano, também se tinha tornado um herói de Esparta ao devolver-lhe o seu rei por direito, Tyndareus.

Kratos saiu para o convés, com as Lâminas do Caos a postos. Aos mortos-vivos, simplesmente ignorava-os; os marinheiros tratariam deles ou seriam uma diversão suficiente para os manter ocupados. Kratos só tinha olhos para as três cabeças da Hidra que atacavam este navio em conjunto.

As cabeças mais pequenas de um lado e do outro tinham ainda assim o dobro do tamanho de qualquer uma que ele já tivesse enfrentado — e pareciam pequenas perante a inconcebível majestade da cabeça principal. Erguendo-se num pescoço sinuoso, mais alto do que o mastro principal do navio, a cabeça principal era suficientemente grande para engolir o navio num só trago, e nos seus olhos ardia uma luz interior amarela e brilhante. As cabeças secundárias balançavam de um lado para o outro e atacavam como víboras, mantendo à distância os marinheiros armados de lanças.

— Hã... és um deus? — A voz veio de trás de si. — Pareces-te um bocado com um deus. Dava-nos jeito um.

Kratos voltou-se. Agachado atrás de uma roda enrolada pela corrente da âncora, um marinheiro observava-o com o seu olho bom; o seu outro olho era uma cavidade vazia, dividida ao meio por uma cicatriz semelhante à que atravessava a sobrancelha de Kratos. O olho que restava ao marinheiro revirava em todas as direções, como se não conseguisse decidir para onde olhar.

— O teu comandante — disse Kratos. — Onde está?

— O que queres com ele, afinal?

— A sua rendição. — Kratos lançou um olhar de desdém à chacina no convés. — Este navio agora pertence-me. Como lhe chamam?

— O *Lamento dos Deuses* — foi a resposta. — Achas que podes tomá-lo?

— Já o fiz — disse Kratos. — Vai chamar-se *Vingança*, e é meu.

— Que os deuses sorriam perante isso... se não te abaterem pela tua arrogância!

Kratos semicerrou os olhos para o marinheiro. O homem seria louco? Quem se atreveria a questionar o Fantasma de Esparta na sua cara? Depois observou a túnica imunda do marinheiro e o odre de vinho vazio e tingido de púrpura no convés ao seu lado e apercebeu-se de que o homem estava demasiado bêbado para conseguir realmente vê-lo.

— O teu comandante — repetiu Kratos. — Não volto a perguntar-te.

O marinheiro embriagado agitou uma mão trémula.

— Ali. Junto ao mastro. O tipo *ca* chave grande ao pescoço. *Tás* a vê-lo?

— O que está de joelhos?

— Hum-hum. O de joelhos. É esse.

O lábio de Kratos contorceu-se com desdém.

— A implorar por misericórdia?

— A *rrrezar* — corrigiu-o o marinheiro. — A rezar a Poseidon... *pra* salvar o navio da Hidra...

— A sua prece foi atendida.

O marinheiro fitou-o de olhos arregalados.

— Vais salvar-nos?

— Não, vou salvar o navio. — Assim que Kratos voltou para a rixa, a gigantesca cabeça principal mergulhou em direção à base do mastro principal e fechou-se sobre o comandante ajoelhado. Num instante, o comandante tinha desaparecido — engolido vivo — e, com ele, a sua chave. A cabeça principal voltou a subir, soltando um rugido de triunfo que esfarrapou as velas do navio.

Kratos não desanimou. Com uma garganta tão comprida como a da Hidra, engolir poderia demorar um tempo considerável.

As três cabeças estavam demasiado próximas umas das outras para que as pudesse enfrentar individualmente. Se fosse direito à cabeça principal, teria de se defender dos ataques de ambas as cabeças secundárias. Se fosse atrás de qualquer uma das cabeças secundárias, iria expor as costas ou o flanco às mandíbulas titânicas da cabeça principal. Se não podia atacá-las uma de cada vez, matá-las-ia a todas de uma vez só.

Precipitou-se pelo convés como se tivesse sido disparado de uma ballesta.

A cabeça mais próxima mergulhou na sua direção como se fosse atirá-lo abaixo do convés. Kratos saltou por cima do pescoço do monstro, golpeando-o de cima para baixo com uma das lâminas. Esta cravou-se no osso e alojou-se na articulação do crânio com um dos chifres; a corrente esticou com um estalido, como um cabo de reboque e puxou Kratos para o lado, fazendo-o rodopiar. Este deixou que o balanço da cabeça enrolasse a corrente a toda a volta do pescoço, deixando-o de pé no cimo do crânio. Mais rápida do que o pensamento, a outra lâmina encontrou a sua mão e depois, juntos, deram uma estocada profunda nos olhos da cabeça. Golpes precisos pintaram a lâmina com uma massa pegajosa de fluido ocular e deixaram a cabeça a rodopiar às cegas.

Uma sombra agigantou-se e escureceu tudo em seu redor. A cabeça principal precipitou-se para baixo, como um falcão do tamanho de uma casa. Kratos ficou de pé e esperou. As enormes mandíbulas da cabeça principal escancararam-se demasiado para o tirar da cabeça secundária com o mínimo de precisão — principalmente porque a cabeça secundária ainda estava a agitar-se de um lado para o outro, cada vez mais depressa enquanto tentava sacudir Kratos — e assim a cabeça principal fez exatamente o que Kratos tinha previsto.

Aquelas mandíbulas gigantescas fecharam-se à volta de toda a cabeça secundária e dentes que pareciam o aríete de uma galera de guerra cravaram-se nas escamas couraçadas do pescoço, tentando arrancar a cabeça secundária e engoli-la — e a Kratos — inteiros.

Mas Kratos sabia bem o quanto a pele escamosa da Hidra era realmente rija. Tinha bastante tempo para passar por entre os enormes dentes enquanto a cabeça principal mordida e começava a sacudir-se, como um lobo a arrancar o quadril de um veado à dentada. Kratos enfiou uma das lâminas nas gengivas inferiores da cabeça principal, usando depois a corrente para se balançar debaixo do queixo da criatura. Ali, golpeou-lhe as escamas com a segunda lâmina, enquanto soltava a primeira, arrancando-a. A cabeça principal rugiu com a dor súbita, libertando a cabeça secundária já meio mastigada, para voltar a cair no mar.

Kratos continuou a golpear-lhe o pescoço, bem perto do queixo, onde a criatura não conseguia atingi-lo. A cabeça secundária que restava serpenteou para atacar Kratos pelas costas, como uma víbora — mas ao espetar uma das lâminas de Kratos pelo focinho acima repensou essa estratégia. Com a lâmina recortada firmemente alojada na fossa nasal, ao recuar a criatura soltou um guincho de dor como Kratos nunca tinha ouvido. Perante isto, a cabeça principal, em vez de tentar cortar Kratos ao meio com os dentes, bateu com o pescoço contra o mastro principal, esmagando Kratos entre as suas escamas e a enorme verga.

Kratos ficou com a visão toldada. A cabeça principal segurou-o ali, encostando-se a ele. O mastro principal rangeu de forma alarmante, assim como a coluna de Kratos — mas o mastro cedeu primeiro, estalando com um rugido dilacerante.

A cabeça principal voltou a subir e a cabeça secundária tentou desesperadamente afastar-se, mas a lâmina que tinha espetada no focinho estava alojada como um anzol — puxar-se para trás só fazia com que esta se enterrasse ainda mais profundamente. A outra lâmina estava enterrada de forma semelhante na garganta da cabeça principal. Nenhuma das lâminas se soltaria e não podiam ser quebradas, da mesma forma que as correntes que as prendiam aos braços de Kratos não poderiam ser quebradas por qualquer força terrena. Por isso, quando a cabeça principal puxou para um lado e a cabeça secundária puxou para o outro, só havia uma coisa a ligá-las que poderia quebrar.

Kratos.

Este gritou de agonia enquanto pendia suspenso entre as duas cabeças que o tentavam rasgar ao meio. Os músculos inchavam nos seus ombros gigantescos, mas nem mesmo a sua força sobrenatural estava à altura do poder titânico da Hidra. Em qualquer outro dia, Kratos teria morrido ali — mas a Hidra era uma criatura de Ares. E a possibilidade de ser morto por um laçao do seu inimigo alimentou a raiva de Kratos. Mais do que raiva. Mais do que cólera.

Preencheu-o com a fúria de um deus.

E, tal como quando tinha entrado na arcada onde encontrou Poseidon, sentiu que os seus ossos estavam em chamas, a queimá-lo de dentro para fora. Relâmpagos fulguraram em seu redor, fazendo com que o mundo se desvanecesse numa imagem ténue e de um tom azul esbatido, e rebentaram ao longo das correntes das lâminas. A carne em redor da lâmina enterrada no pescoço da cabeça principal explodiu como um pote fechado e deixado no fogo por demasiado tempo, espalhando enormes pedaços de restos mortais fumegantes.

A lâmina alojada na fossa nasal da cabeça secundária teve um efeito ainda mais espetacular: quando as membranas internas explodiram, projetaram pedaços de osso pelas cavidades oculares da Hidra, que fizeram com que os olhos da criatura lhe saltassem do focinho. Os fragmentos penetraram o que quer que a cabeça secundária usava como cérebro; o pescoço desmoronou e Kratos caiu para o convés lá em baixo.

Durante a queda, ponderou que a Fúria de Poseidon se tinha revelado mais útil do que esperara. Estatelou-se ao lado dos destroços do mastro principal. Sacudindo um pulso, atirou uma lâmina para esta se cravar no mastro, prender-se, e deixá-lo inverter a sua direção num balanço longo e

suave. A enorme fera viu-o a chegar, arqueou o pescoço e escancarou uma goela que podia ter partido o navio ao meio.

Tendo-se apercebido, para sua satisfação, de que a gigantesca cabeça principal não continha um cérebro igualmente gigante, Kratos virou-se para cima, para o que era agora o topo do mastro principal — uma inclinação espinhosa de lascas aguçadas como agulhas —, depois rodopiou as lâminas à volta da cabeça para captar a atenção do monstro.

Esperou até que a cabeça principal mergulhasse como uma lua cadente, engolindo-o, a ele e a vários metros de mastro. Mesmo antes de ter sido danificada, a madeira do mastro principal não fora de forma alguma tão resistente como os pescoços secundários da Hidra. Kratos sabia que a Hidra podia cortá-la numa única dentada rápida. Por isso, novamente dentro da gruta cheia de muco que era a boca do monstro, Kratos voltou a libertar a fornalha de fúria que sempre ardeu dentro de si.

A cabeça principal entrou em convulsão quando a Fúria de Poseidon rebentou com a parte de trás da sua boca, deixando-a em retalhos sangrentos. Kratos arremessou uma lâmina para cima, para a parte de trás das fossas nasais da Hidra e depois içou-se por um volume incalculável de muco salgado até chegar ao lado inferior do crânio da Hidra. Antes que a criatura parasse sequer de se agitar de um lado para o outro, Kratos já tinha aberto caminho por dentro do seu crânio. Três ou quatro golpes ágeis das lâminas cortaram o cérebro da Hidra, deixando-o numa papa malcheirosa.

Voltou a lançar-se pela garganta da Hidra abaixo. Esta ainda se contorcía e contraía um pouco, à medida que o resto do enorme corpo da Hidra recebia gradualmente a mensagem de que o seu cérebro estava morto. Kratos desceu cuidadosamente ao longo dos picos de cartilagem até que a luz vinda da boca aberta da fera começou a desvanecer-se — e ouviu uma voz fraca, a soluçar baixinho:

— Por favor... por favor, alguém... Poseidon, por favor...

Kratos espetou uma das lâminas numa longa extensão de músculo estriado e usou a corrente para descer de costas até à obscuridade escorregadia. Ali, mesmo abaixo da última réstia de luz, Kratos avistou uma sombra mais escura. Sacou a outra lâmina e girou-a para acender um pouco do seu fogo e à sua luz viu o comandante.

— Oh, abençoado! Que Poseidon te abençoe e a todas as tuas viagens — disse o comandante, ofegante. — Que todos os deuses do Olimpo te sorrissem eternamente...

O comandante segurava-se desesperadamente a um anel de cartilagem. Os seus pés estavam suspensos sobre o que parecia ser uma queda infinita até ao estômago da Hidra. E uma fina tira de cabedal à volta do seu pescoço segurava uma chave de ouro reluzente.

Kratos soltou um pouco mais de corrente, esticando-se para baixo com uma mão enorme. O comandante estava lavado em lágrimas.

— Abençoado — não parava de dizer. — Abençoado por voltares para trás por minha causa!

A mão de Kratos fechou-se em redor da tira de cabedal.

— Não voltei por tua causa — disse ele, e puxou a tira com tanta força que a partiu ao meio... e fez com que o comandante largasse a cartilagem. Os gritos que soltava à medida que caía pararam abruptamente quando atingiu o líquido no estômago revoltado da Hidra.

Quando Kratos voltou a sair da boca da Hidra morta com a chave na mão, ainda conseguia ouvir o comandante a ser digerido. Parou junto à base do mastro no qual a cabeça principal estava empalada; alguns golpes das Lâminas do Caos partiram o mastro principal pela raiz e a enorme fera deslizou para trás, sobre a balaustrada, e afundou-se, desaparecendo para sempre da vista dos homens.

Kratos pesou a chave na sua mão. Tinha sido muito trabalho apenas para abrir uma porta. Era bom que a luta justificasse a recompensa.





— DESTE A KRATOS UMA FRAÇÃO DA TUA PRÓPRIA FÚRIA! — O PUNHO de Ares apertava o cabo da sua espada. Os músculos estavam salientes como cordas no seu antebraço enquanto tentava controlar a sua raiva crescente. — Ajudar um mortal, contra a tua própria *família*?

— Se alguma vez voltares a pensar em conspirar o meu domínio com qualquer um dos teus monstros gerados por Typhon, ele será destruído. — A voz de Poseidon era tão fria e tenebrosa como as maiores profundezas dos seus mares. — E tu, sobrinho, não estás livre de retaliação. Sim, o meu irmão proíbe o homicídio entre os deuses — mas não tentes a minha cólera, ou irás *desejar* que eu te tivesse matado. Compreendes?

Ares soltou a espada da sua bainha.

— As palavras não servem de defesa contra a ponta de uma espada.

— Lembra-te disto, Deus da Guerra: sou soberano nos mares. Qualquer um que entre no meu reino deve prestar-me homenagem. Até mesmo os deuses.

Os dois deuses olharam furiosamente um para o outro sobre a costa mediterrânica do Egito. Invisíveis aos olhos dos mortais, ambos se erguiam tão alto que podiam ter-se inclinado sobre o Farol de Alexandria como se este fosse uma bengala.

Finalmente, Ares quebrou a silenciosa batalha de vontades.

— Não precisamos de brigar desta forma.

— A tua Hidra...

— Sim, a minha Hidra — disse Ares. — Mas perturbar os teus mares? Eu não coloquei a Hidra no teu reino.

Poseidon pestanejou.

— Isso é verdade?

— Responde-me a isto, senhor meu tio. Quem te trouxe a notícia desta Hidra? Aquela cabra intriguista, Athena. Aposto.

— Ora... sim — admitiu Poseidon. — Mas...

— E sabias da presença da criatura *antes* de ela ter corrido a enganar-te para dares o teu poder ao seu mortal de estimação?

— *Enganar-me...*

— Sabes que já não frequento o Olimpo, pelo menos enquanto o meu pai continuar a satisfazer cada capricho mesquinho da minha irmã. Por estar tão longe, nem sempre consigo contrariar as suas mentiras antes que caiam em ouvidos crédulos. — O Deus da Guerra inclinou-se para o seu tio, ficando tão perto que as chamadas do seu cabelo extraíam vapor da barba do deus marítimo. — Pergunta a ti mesmo, senhor meu tio, pergunta a ti mesmo apenas isto: porquê?

O deus marítimo não respondeu, mas surgiu-lhe uma nuvem pensativa sobre a sobrancelha.

— Porque iria *eu* ofender a tua soberania? Porque iria *eu* conspurcar os teus mares? O que esperaria eu ganhar com isso?

— Matar este tal Kratos. Foi o que Athena disse.

— E se eu tivesse ordenado a esta Hidra que o fizesse, porque iria enviá-la para se esconder no Cemitério de Navios? Esperava simplesmente que Kratos pudesse um dia encontrar o caminho para lá? — Ares resfolegou. — Nem preciso de invocar uma Hidra para me livrar de Kratos. Ele é menos do que um verme. Quando o quiser morto, esmagá-lo-ei como um mortal apaga uma vela que já ardeu. Ele só continua vivo porque o seu sofrimento me diverte.

— Mas... se não foste *tu* quem infligiu a Hidra sobre o meu reino...

— Não me atrevo a acusar — disse Ares. — Mas quem ganhou com este encontro? Quem te fez virar-me o teu rosto majestoso? Quem te defraudou do teu poder simplesmente para lisonjear um qualquer verme mortal?

Poseidon recuou um pouco e olhou para o seu sobrinho belicoso.

— Não posso retirar a fúria dada a Kratos.

— Isso sei eu muito bem — disse o Deus da Guerra. — Um deus com o teu sentido de honra nunca retiraria o que já foi dado. Mas não estou a pedir-te isso. Estou aqui, senhor meu tio, apenas por respeito a ti. Sei que ainda tens uma certa... *afeição* à cidade de Atenas.

— *Aquele* lugar. — O deus marítimo resfolegou.

— Zeus proíbe a batalha direta entre os deuses — mas como há pouco me avisaste, há *outras* formas de retaliação. Os meus exércitos marcham em Atenas neste preciso momento.

— Porquê vires ter comigo?

— Como cortesia, tio. Sei que em tempos pensaste ter aquela cidade como tua. Se for essa a tua vontade, deixarei Atenas de pé, sem um único arranhão. Se, na verdade, decidires que tudo o que Athena falou é verdade e tudo o que eu disse são mentiras, não protestarei. Como todos os Olímpicos sabem, não sou de longe tão bom mentiroso como a minha irmã.

Poseidon respirou profundamente, um suspiro tão profundo que alterou as correntes do Mediterrâneo até Creta, no norte. Finalmente, disse:

— Não sei qual de vós está a enganar-me — ou se estão os dois. Mas... essa *cidade* não me diz respeito. Por mim, podes incendiá-la totalmente e salgar a terra. — E com o rugido de uma tempestade marítima, foi-se embora.

Os lábios cruéis de Ares curvaram-se, formando um sorriso por trás da sua barba de chamas.

— Assim farei, tio. Farei exatamente isso — disse o Deus da Guerra, e cavalgou os ventos na direção de Atenas.

NOS SEUS APOSENTOS NO LONGÍNQUO OLIMPO, ATHENA BATEU COM a mão no poço de divinação que andava a usar para espiar o seu irmão. Deu uma palmada no líquido cor de ambrósia, como se conseguisse atravessá-lo e atingir tanto Ares como Poseidon. E quando parou para escutar, conseguiu ouvir os gritos fracos dos seus devotos, lá em baixo em Atenas, suplicando a sua misericórdia e apoio enquanto as legiões monstruosas de Ares se aproximavam no horizonte e o próprio Deus da Guerra caminhava entre eles, ordenando-lhes que lutassem.

E com Ares no campo de batalha, a Palavra de Zeus impedia-a de confrontar este perigo pessoalmente.

Os seus lábios formaram uma linha fina à medida que a sua fúria crescia. Poseidon não tinha motivos para lhe voltar as costas desta forma. Pelo menos o seu tio não apoiara Ares ativamente. Talvez...

Sim. Talvez ainda conseguisse tirar proveito desta situação.

Sem a interferência de Poseidon, Kratos poderia navegar até à sua cidade sitiada numa questão de dias. Voltar a deixar Kratos em posição de frustrar os planos de Ares parecia uma solução justa — mas talvez a sua cidade não pudesse esperar tantos dias como os que seriam necessários à sua viagem. Como Ares faria sofrer os seus devotos!

Athena correu dos seus aposentos até à Ala da Eternidade, pela qual desceu a passos largos e rápidos até chegar ao ramo que procurava. Ao longo daquele corredor, caminhou com mais cuidado, pisando o chão suavemente à medida que o mármore dava lugar a ervas finamente aparadas.

Pelo canto do olho, viu cervos a mordiscar hera e rapidamente saiu para uma clareira arejada, presa num verão eterno. Athena ficou totalmente quieta, à espera que a sua presença fosse reconhecida.

Artemis não gostava que a sobressaltassem, e o seu arco nunca falhava o alvo.

Rapidamente, ouviu-se um murmúrio de folhas, vindo de um arbusto de murta que estava próximo. A deusa Artemis deu um passo em frente, subitamente visível como se se tivesse materializado ali mesmo. Com o arco pendurado no ombro e uma aljava à cintura, parecia realmente a Caçadora dos Deuses.

Athena baixou a cabeça, num gesto formal.

— Saudações, Artemis, minha irmã.

A caçadora limitou-se a observá-la com curiosidade. Nunca tinha sido de grandes formalidades.

— Estava à espera do meu gémeo.

— Apolo está por perto? Agradeceria a sua chegada. A situação é grave e o discernimento do Deus da Sabedoria seria bem-vindo.

Artemis manteve aquele olhar curiosamente inexpressivo, como se Athena fosse um cervo para o qual a deusa estivesse a avaliar o alcance.

— Até as minhas criaturas sabem da guerra que o nosso irmão lançou sobre a tua cidade.

— Ares traz um exército de criaturas do submundo para esta luta. Arqueros e legionários mortos-vivos fazem as suas vítimas, mas os cidadãos de Atenas conseguem suportar a sua investida. As outras criaturas — os verdadeiros monstros — estão para lá das capacidades de combate de meros mortais.

Artemis caminhou desenhando um círculo completo, avaliando a outra deusa de todas as direções.

— Na caça — disse devagar — sabemos quem é o caçador e quem é a presa. Nessa simplicidade, jaz a verdade. Entre ti e Ares, nada é simples.

— Não estou a pedir-te que decidas entre mim e o meu irmão. Não estou sequer a pedir-te nada, minha irmã. Estou aqui apenas para trazer notícias pesadas.

— Preocupas-te com alguma coisa relacionada com essa cidade, para além do nome que ostenta?

O rosto de Athena tornou-se frio como pedra. Tinha-se esquecido que as palavras de Artemis podiam atingir tão severamente como as suas flechas.

— Claro que me preocupo com os meus mortais — disse Athena. — Tenho de descobrir o que te preocupa a ti.

— Ares não é um amigo. As suas legiões devastam as minhas florestas,

mas não posso opor-me a ele no campo de batalha. Zeus proíbe-o. — A mão de Artemis agarrou o seu arco, rodou-o na mão, encaixou uma flecha e disparou. A flecha silvou pelo ar e ficou espetada no tronco de uma árvore. — Queria eu poder apontar-lhe a minha flecha de caçadora!

— As tuas florestas — disse Athena suavemente. — As tuas feras, todas são presas para a legião do nosso irmão.

— Os habitantes da tua cidade — disse Artemis com um tom ríspido. — Aqueles de Atenas também exploram as minhas florestas.

— Eles conservam as florestas e as feras — argumentou Athena. — Ares *destrói*. Os seus mortos-vivos não comem para sobreviver ou para nos venerar. Deixam apenas destruição no seu rasto.

— Uma abominação — concordou Artemis.

— A minha cidade pode celebrar a natureza... se esta sobreviver — disse Athena. — Os meus devotos admiram-te e respeitam-te. Ainda no ano passado — insistiu Athena — o prémio do Festival de Dionysus foi atribuído a uma peça que *te* presta homenagem: “A Tragédia de Actaeon, o Caçador”.

— Tragédia? — perguntou Artemis. — Eu busco a celebração da vida.

Athena sempre tinha achado que transformar Actaeon num veado e fazer com que fosse dilacerado pelos seus próprios cães era um pouco excessivo por ter tido apenas um vislumbre da deusa enquanto esta tomava banho — mas este pensamento privado manter-se-ia *privado*; Athena não via qualquer vantagem em desenterrar essa história.

— É uma pena — disse Athena cuidadosamente — que a minha contenda com Ares não possa ser resolvida com, hum, uma solução igualmente elegante.

— E porquê trazer-me esta questão? Ares é tão imune às minhas flechas como é à tua espada.

— Zeus nunca permitiria sequer uma flecha disparada por raiva — concordou Athena. — Contudo, o exército de Ares marcha pelas tuas matas sagradas nos arredores de Atenas. As criaturas imundas que comanda devastam até o mais inofensivo dos teus animais.

Athena ergueu as mãos à sua frente, com as palmas juntas. Separou-as ligeiramente e virou-as para cima, à medida que uma cena nítida se formava no ar, entre ela e Artemis.

— Que massacre... — Uma lágrima rolou pela face de Artemis, ao ver a destruição injustificada.

Athena afastou ainda mais as mãos, e a cena flutuante aumentou de tamanho.

— O riacho está manchado de sangue — sangue dos *teus* animais. Ares não caça, não persegue para comer ou por prazer. Para ele, a morte é

apenas uma satisfação passageira. Não há habilidade, graciosidade, apenas uma matança sem fim. Este riacho corre vermelho com o sangue dos teus cervos, alces, coelhos, até os pássaros do ar.

A cena expandiu-se para abranger uma enorme secção dos bosques, a alguns quilómetros das Longas Muralhas que protegiam Atenas. As carcaças de raposas e veados mutilados estendiam-se até onde a vista alcançava. Um Ciclope avançou, arrastando-se e agitando um pesado bastão negligentemente. À esquerda e à direita, esmagava os crânios dos animais caídos, embora estes já estivessem mortos. No rasto do Ciclope vinham centenas de legionários amaldiçoados e atrás destes marchavam arqueiros mortos-vivos.

— Nenhum mostra respeito pelo bosque ou pelos seus habitantes. — Athena fez uma pausa dramática. — Os seus *antigos* habitantes. Deixam apenas a morte no seu rasto enquanto marcham para Atenas, uma cidade que te honra tanto a ti como a mim.

— Lá, o exército de Ares fará o mesmo aos mortais — continuou Athena. — A luta que se aproxima será entre os lacaios de Ares e os meus — mas vê o resultado desse conflito. Gostaria de preservar os teus bosques e assegurar a sua santidade.

— Ares nunca o faria. Não pediu permissão para atravessar os meus prados e florestas.

— Ele está concentrado apenas em matar — disse Athena. — Não lhe importa o que o seu exército destrói. — Deixou que a cena voltasse a expandir-se para mostrar outros elementos do exército de Ares a marchar por outros bosques que Artemis reclamava como seu domínio silvestre. Só quando viu a expressão de Artemis alterar-se subtilmente, passando do desespero à cólera, é que Athena continuou. — Nenhuma de nós pode lutar contra Ares, por ordem do nosso pai. Isso não impede o nosso irmão de destruir aqueles que nos veneram.

— Juras que os meus bosques serão sacrossantos?

— Vira as tuas criaturas da floresta contra os lacaios de Ares e farei o meu juramento. Garantirei que toda a Atenas honrará o teu templo bucólico — disse Athena, com um certo furor nas suas palavras. — Não podemos deixá-lo pisar o santuário que consideras mais sagrado: os bosques plenos de criaturas de cascos e asas.

Artemis voltou-se, tirou outra flecha da aljava e levou-a ao seu arco. Puxou o arco para trás, até este tremer com a tensão. Soltoou a flecha e esta voou com um silvo, desenhando um arco alto no ar, onde explodiu com a fúria de um novo sol, rivalizando com qualquer outra coisa que o seu irmão gémeo pudesse colocar no céu. O segundo sol derramou faíscas cintilantes.

Artemis disse solenemente:

— Será impossível ao exército de Ares passar por qualquer floresta onde vagueiem aqueles que estão sob a minha proteção. — Dito isto, a Deusa da Caça deu meia-volta e desapareceu para a floresta. Em segundos, as folhas pararam de estremecer pela sua passagem. Tinha voltado a unir-se ao seu domínio.

Athena considerou isto uma vitória parcial. Tinha ganho uma aliada poderosa, mas Atenas — e, na verdade, o próprio Olimpo — nunca estariam seguros enquanto Ares fosse vivo. Estava na hora de começar a fase seguinte do seu plano. Kratos devia ser preparado. Devia ser posto à prova. E acima de tudo...

Devia ser devidamente *armado*.





ASSIM QUE KRATOS RODOU A CHAVE QUE SE ESFORÇARA TANTO POR conseguir, o selo místico evaporou-se — e ouviu-se um grito arrepiante vindo da cabine do comandante. Abriu a porta com um pontapé, esperando encontrar o que exigia uma proteção tão poderosa. Nesse aspeto, não ficou desiludido. Kratos encontrou um tesouro mais valioso do que turquesas e ouro.

As três raparigas eram as mais encantadoras que alguma vez tinha visto. Ou talvez simplesmente o parecessem por comparação aos rostos enegrecidos e putrefactos dos mortos-vivos que as trespassavam com as garras das suas mãos.

Kratos parou por instantes, paralisado pela incompreensão. Como tinham os mortos-vivos *entrado* ali? Através da porta trancada? A única resposta que fazia sentido era a sua própria culpabilidade. Ao abrir a porta, tinha libertado mais do que o feitiço de bloqueio. Tinha também libertado os mortos-vivos que estavam fechados por magia dentro desta sala, para a proteger contra intrusos. O comandante devia ter sabido como evitar a sua libertação. Kratos tinha entrado às cegas e colocara as mulheres em perigo.

Num instante, a sua confusão dissipou-se como as folhas perante um vendaval. Tais questões imponderáveis eram coisa para as horas vagas. Naquele momento, ainda estava numa luta, enquanto dois dos legionários em decomposição corriam na sua direção, bramindo espadas cruelmente curvadas. Kratos esticou os braços por cima dos ombros e o mesmo movimento que sacou as Lâminas do Caos também cortou ao meio cada morto-vivo, desde o topo da cabeça até ao entrepernas. Avançou para dentro da sala e

com o embalo seguinte cortou as pernas de um morto-vivo que estrangulava uma das raparigas escravas. A criatura caiu, arrastando a rapariga consigo para o chão, e continuou a estrangulá-la como se Kratos não lhe tivesse mutilado as pernas.

Kratos amputou-lhe os braços e esmagou-lhe o crânio — mas as mãos cortadas só apertaram mais, sufocando a mulher. Rosnando, Kratos dobrou-se para arrancar as garras cerradas, mas a cabeça da rapariga inclinou-se num ângulo estranho. O seu pescoço partira como um galho.

Outro morto-vivo segurava uma mulher que se debatia no ar entre ele próprio e Kratos, fazendo dela um escudo humano.

— O aço resulta melhor. — Kratos sorriu desdenhosamente enquanto enfiava uma lâmina através do tronco da rapariga, encontrando apenas a ligeira resistência dos órgãos internos e depois a ponta da lâmina atravessou brutalmente o morto-vivo que a segurava. Torceu a lâmina e ambos caíram inertes.

— Não deixes que ele me mate. Imploro-te, não... — A terceira mulher morreu quando o morto-vivo lhe cravou uma mão ossuda no peito, esmagando-lhe o coração que palpitava no interior do seu seio. As suas súplicas transformaram-se em arquejos molhados e gorgolejantes enquanto sucumbia. Com dois passos rápidos, o morto-vivo ficou ao alcance de Kratos. Aplicando um único corte preciso, matou o morto-vivo que ainda tinha o coração palpitante na mão. O morto-vivo caiu e ficou estendido, com o coração a pulsar, abrandando até se tornar apenas um tremor e finalmente parando, tão morto como a rapariga do qual tinha sido arrancado.

Kratos deu um passo atrás. A chacina parecia rodopiar à sua volta. Esticou-se para se apoiar na antepara e mesmo assim quase caiu.

— Para — gritou ferozmente para si mesmo; não tinha mais tolerância para a sua própria fraqueza do que para a dos outros. — Estas não são... não são...

As mortes das mulheres não eram piores do que o que já tinha visto milhares de vezes — não eram piores do que o que já tinha *feito* com as suas próprias mãos, sem o menor vestígio de arrependimento.

Mas a cabine desvaneceu-se à medida que a escuridão se instalava em seu redor e as visões começavam.

Lâminas a cortar pescoços, a perfurar barrigas expostas. Gritos de dor e o horrível estertor da morte. Cabeças a explodir num repuxo de sangue. E a mulher idosa a agitar a sua mão deformada, a rir-se histericamente como algo demoníaco.

— Não — gritou Kratos. — Não!

Membros cortados. Campos de cadáveres, corvos a debicar olhos que ficam sem ver um céu cinzento como chumbo, vermes a comerem carne morta.

O sangue a acumular-se em redor dos corpos no chão do templo — sangue a acumular-se em redor dos corpos — sangue...

E ainda o riso tresloucado e o aceno da mão deformada...

— *Não!* — Com um esforço de vontade que o deixou a ofegar, Kratos forçou-se a abrir os olhos. *Não* estava no templo; *não* enfrentava a gargalhada estridente do oráculo da aldeia! Estava ali, à enorme distância de dez anos, especado nos aposentos do comandante de um navio de escravos e as raparigas chacinadas no chão *não* eram... *não* eram...

— Athena! — Kratos girou, dando uma volta completa, e depois fugiu da cabine. — Athena! — Correu para a escotilha que dava para o convés. Quando saiu a correr para o tabuado ensopado de sangue, voltou a ver a estátua de madeira de Athena que agraciara o seu navio agora naufragado. A estátua erguia-se à proa do seu novo navio como fizera no antigo, com os seus impassíveis olhos de madeira a julgarem todos os seus crimes.

— Dez *anos*, Athena! Servi os deuses fielmente durante *dez anos*! Quando banirás os meus pesadelos? *Quando?* As visões assombram até a minha vida consciente!

Com um brilho suave e prateado como água ao luar, a estátua fulgurou, ganhando vida. Aqueles olhos de madeira impassíveis brilhavam agora com o olhar cinzento e firme da deusa.

— *Precisamos que realizes mais uma última tarefa, Kratos. O teu maior desafio espera-te — em Atenas, onde, neste preciso momento, o meu irmão Ares monta um cerco.*

Kratos ficou tenso quando novas visões lhe assaltaram os sentidos. Sentiu o cheiro a sangue fresco e carne viva, viu chamas e destruição e campos com pilhas de cadáveres. Ouviu gritos de morte e sentiu o sabor dos cadáveres em chamas. Fechou os olhos com força, mas não conseguia fugir à visão. Partilhava cada morte com cada ateniense assassinado. Sentiu os seus fantasmas — o *seu* fantasma — a serem-lhes arrancados do corpo aos gritos, não pelo golpe limpo da espada ou lança mas pelas garras incrustadas de sangue dos lacaios monstruosos de Ares.

— *Atenas está à beira da destruição* — disse a deusa através da sua estátua. — *A vontade de Ares é que a minha grandiosa cidade caia.*

Kratos só podia tentar aguentar enquanto visões cada vez mais obscuras e macabras o assolavam.

— *Zeus proibiu os deuses de guerrear uns contra os outros.*

Kratos sentiu-se queimado por uma chama imaginária, com a carne a ser-lhe cozida nos ossos — o que restava de si contorceu-se no ar, montando um furacão violento até testemunhar a morte de Atenas como poderia ser vista por uma águia a planar. Então a visão libertou-o e ele caiu com

uma força demolidora, voltando ao seu próprio corpo no convés do navio de escravos.

— *É por isso que tens de ser tu, Kratos. Só um mortal treinado por um deus tem hipóteses de derrotar Ares.*

— E se eu for capaz de fazer isto — disse Kratos, uma vez mais endireitando-se com firmeza, como se espera de um homem — se eu conseguir matar o deus, então as visões... acabarão?

— *Completa esta última tarefa e o passado que te consome será perdoado. Tem fé, Kratos. Os deuses não se esquecem de quem os ajuda.*

Os olhos da estátua fecharam-se e o brilho de divindade desvaneceu-se.

Kratos ficou imóvel durante bastante tempo, com uma sensação desesperadamente desconhecida. Ficou encantado com ela, com este sentimento. Não conseguia lembrar-se da última vez que sentira algo semelhante.

Perguntou-se se poderia ser esperança.

MAIS TARDE, KRATOS PERCORREU TODA A EXTENSÃO DO CONVÉS, VERIFICANDO OS DANOS e decidindo como deveriam avançar as reparações. Tinha uma jaula cheia de escravos no porão. Seriam a sua tripulação, em troca da sua liberdade. Uma vez que Athena lhe tinha confiado a missão de salvar Atenas dos soldados gerados no Hades que formavam o exército de Ares, já não precisaria de um navio assim que chegasse ao Porto de Zea, em Pireu.

A cabine trancada do comandante, onde as três mulheres tinham sido assassinadas, dava uma pista de como o antigo comandante daquela embarcação tinha passado as suas horas, mas Kratos nunca mais voltaria a entrar naquele compartimento. Mesmo que pusesse os escravos a arrastar de lá os corpos e a limpar aquela sala de cima a baixo, nunca mais voltaria a lá entrar.

Não arriscava ter mais visões.

Mas havia outra sala, também selada por magia, que nem sequer tinha uma fechadura. O comandante tinha mantido concubinas na sua própria cabine; que tesouro teria considerado tão precioso para o manter resguardado até de si próprio? Kratos não tinha grande paciência para especulações inúteis. A melhor forma de descobrir o conteúdo da sala era arrombar a porta e entrar.

Passando cuidadosamente pela porta que dava para a cabine do comandante — nem sequer se permitia olhar para ela —, parou perante o portal mágico e começou a examiná-lo, à procura de uma forma óbvia de o abrir. Afinal, se a sala para lá da porta continha alguma coisa realmente valiosa, poderia querer também poder guardá-la. Não encontrando nenhuma maçaneta, alavanca ou fechadura, tentou simplesmente empurrar a porta.

O músculo semelhante a uma corda inchou nos seus ombros gigantescos, mas não conseguiu sequer que a porta rangesse. Com um rosnido, perdeu a pouca paciência que tinha. Sacou as Lâminas do Caos e golpeou a porta. Uma força dourada fulgurou, e as lâminas nem sequer tocaram a madeira.

A raiva cresceu dentro de si, e a Fúria de Poseidon saiu-lhe pelos ossos. O poder fê-lo sentir-se invencível e o fulgor da sua cólera incendiou a força dourada — e a porta abriu com um simples empurrão.

Kratos ficou a olhar, deslumbrado.

No meio da sala, estava de pé uma mulher seminua, cuja beleza transcendia tudo o que Kratos já tinha visto. Tinha as mãos nas ancas empertigadas e o seu cabelo era de um vermelho flamejante, mais radiante do que o Sol, mas não foi nisto que Kratos reparou. Estava nua da cintura para cima, com uma saia a cobrir o resto do seu corpo elegante. Os seus seios nus eram firmes e arrebitados, coroados por saliências rosadas que apontavam para Kratos, num convite lascivo.

— Eras uma escrava neste navio?

— O comandante está morto? Espero que sim — disse a jovem, inclinando-se para Kratos e chamando-o com um dedo. — Gosto mais da *tua* aparência.

Kratos ouviu um rangido sinistro no casco e olhou em redor para se certificar que a embarcação não estava a partir-se. Quando voltou a virar-se, pestanejou, surpreendido. A mulher ainda estava à sua frente, de mãos nas ancas, com o cabelo ruivo, desgrenhado e lustroso. Mas já não estava nua da cintura para cima. Em vez disso, usava uma túnica — e não tinha saia. Estava nua da cintura para baixo, quando apenas há um instante...

— Foi por isso que te prenderam com uma fechadura mágica? És uma bruxa?

— Isso não é um comentário nada simpático. Nós não somos bruxas!

— Nós? — Kratos pestanejou. Havia duas mulheres, de beleza idêntica, mas uma estava nua da cintura para cima e a outra da cintura para baixo. — O que sois vós?

— Gémeas — responderam em uníssono.

— O comandante era um amo cruel. Só nos deu um conjunto de roupas — disse a gémea que usava a túnica.

A gémea que usava a saia fez um ligeiro beicinho.

— Partilhámos o melhor que conseguimos. Não te agradamos?

— Não, eu...

— Não? — gritaram em uníssono. — Então vamos tirar estes trapos injuriosos!

E assim fizeram.

Kratos estava disposto a admitir que a vista tinha melhorado.

— Começo a compreender porque é que o comandante vos manteve trancadas. Sois idênticas até ao último sinal e sarda.

— Nem por isso — disse a da esquerda. — O sinal da Lora é do lado de dentro da coxa esquerda. Vês?

Kratos viu.

— Eu e a Zora somos *completamente* diferentes — disse a outra.

— Fazeis tudo juntas?

As gémeas trocaram um olhar e depois avançaram em sintonia. A sua resposta tornou-se óbvia quando despiram Kratos e o levaram até uma cama macia e ampla. A única coisa de que Kratos se queixou foi de ter derrubado uma garrafa de vinho durante o seu ato duplo de paixão.

Mais tarde, acordou com uma mulher do seu lado esquerdo e outra do lado direito — já não sabia qual era Lora e qual era Zora, mas sabia que era melhor não verificar as suas marcas distintivas. Isso só as incitaria a exigir que voltassem a ter relações, e ele tinha uma tripulação para comandar sobre os conveses. A ordem de Athena tinha de ser cumprida e rapidamente, a julgar pela visão da sua cidade a ser devastada.

— Quero mais vinho — disse ele, esticando-se por cima de uma das ruivas para chegar com a mão à garrafa que estava no chão.

— Somos tuas escravas de livre vontade, Comandante Kratos — disse uma delas.

A outra acrescentou:

— Desde que nos mantenhas satisfeitas.

— O comandante tinha concubinas na sua cabine — começou Kratos.

— Oh sim, ele tinha as suas próprias raparigas — disse uma gémea, num tom ligeiramente triste. — Nunca nos tocou.

— Nunca?

A outra suspirou.

— Não era homem para isso. Depois de dois ou três dos tripulantes morrerem, ele trancou-nos.

— Eles... *morreram*? — Kratos não conseguia realmente entender aquilo. — E por isso o comandante trancou-vos? Morreram a fazer... o quê?

— A nós — disse uma delas num tom animado.

A outra contribuiu com um aceno de cabeça atrevido.

— Ele quis manter a sua tripulação a salvo. De nós. Temos estado *muuito* sós.

Kratos disse devagar:

— Estou a ver.

— E estamos *tão* felizes por te ter conhecido... e por não teres morrido. A sério.

— Igualmente — disse Kratos. Ponderou que esta viagem a Atenas poderia ser mais interessante do que esperara.

A gémea à sua esquerda acariciou os músculos salientes no ombro de Kratos.

— És um...

— ... rei, Amo Kratos? — terminou a rapariga à sua direita.

— Sou apenas um soldado — disse ele.

— Um *excelente* soldado — disse uma delas.

— Um *campeão* — concordou a outra.

— Os deuses deram-me uma missão.

— Isso parece...

— ... perigoso — disseram as gémeas.

— Navegamos para Atenas. Lá, irei libertar-vos.

— Não *queremos* ser livres. Queremos ser tuas escravas.

— Para sempre — disse a outra. — Ou pelo menos, até que morras. És *muito* forte, amo.

— E tão *grande*.

Kratos deu por si sem palavras.

— Nunca quisemos ir para...

— ... Ática. É um lugar horrível e frio, pelo que...

— ... ouvimos dizer.

No seu coração, Kratos amaldiçoou os deuses. Se ao menos pudesse ser como os outros homens e perder-se totalmente nos prazeres da carne. Mas nem mesmo Lora e Zora poderiam alguma vez acabar com os pesadelos e manter a sua loucura sob controlo.

Agora, vivia apenas para a promessa de Athena de apagar as suas visões e reprimir as memórias horripilantes que atormentavam todas as horas da sua vida. Eliminar as visões de morte e horror, culpa e dor insuportável, era uma recompensa muito mais valiosa do que o que Zora e Lora pudessem oferecer, independentemente de quão hábeis fossem.

— Esta embarcação tem de se libertar do Cemitério de Navios — disse ele, balançando as pernas para o lado e saindo da cama. O vinho debaixo dos seus pés tinha-se tornado tão pegajoso como sangue. Começou a limpá-lo, mas as gémeas saíram da cama rapidamente.

— Deixa-nos fazer isso, Amo Kratos. — Limparam-lhe os pés carinhosamente, mas ele não tinha tempo para aquilo. A Hidra de Ares estava morta, mas que outras abominações poderia o Deus da Guerra enviar para o destruir? Kratos não queria descobrir, principalmente entre as carcaças de tantos mortos e embarcações abandonadas.

— Podem vir até ao convés — disse às gémeas. — Mas totalmente vestidas.

— Não há nada nesta cabine para vestirmos — disseram em uníssono.

— Procurem alguma coisa — disse ele secamente. Hesitou em mandá-las revistar a cabine do comandante. As três mulheres que lá tinham ficado deviam ter imensa roupa, mas despi-la dos seus cadáveres era algo que Kratos calculava que as gémeas não aceitariam bem.

— Estaremos lá em breve — disseram elas.

Kratos foi até ao convés. Estava longe de Atenas e, assim que chegasse, tinha de assassinar um deus. Só o facto de libertar este navio de escravos das outras carcaças seria uma tarefa assombrosa.

No convés, o vento fresco e os sinais de chuva avisaram-no de uma tempestade iminente. Da forma como estavam presos entre os outros navios, a tempestade iria sacudi-los de um lado para o outro e partir o casco como a casca de uma noz. Desceu até ao porão dos escravos e observou os pobres desgraçados. Lamuriaram-se e imploraram até que Kratos desejou ter aberto as válvulas das escotilhas e deixado que nadassem dali para fora. Talvez a liberdade lhes lembrasse do que era ser um homem.

— Vou libertar-vos. E ireis trabalhar — disse ele. — Esforçai-vos mais do que alguma vez vos esforçastes. Navegamos para Atenas.

— Liberta-nos!

— Não preciso de escravos, preciso de uma tripulação. Algum de vós já trabalhou no cordame? — Viu uma mão a levantar-se hesitantemente. — És o meu primeiro-oficial. O resto de vós ouvirá e aprenderá com ele. A sua palavra vale tanto como a minha. Contrariar qualquer um de nós e darei a comer as vossas entranhas aos tubarões. Obedecei e sereis livres assim que chegarmos a Pireu.

Houve alguns murmúrios entre os escravos enjaulados, mas aquele que Kratos tinha designado como primeiro-oficial aceitou o desafio e falou pelos outros.

— Seremos livres?

— Pela minha vida, sereis — prometeu Kratos.

— Então, solta-nos. Pela maneira como este navio está a abanar de um lado para o outro, aproxima-se uma tempestade.

— Como te chamas, Primeiro-oficial?

— Coeus.

— Leva-os para o convés e para os seus postos, Coeus. Tens razão quanto a estar a formar-se uma tempestade.

Com bofetadas e pontapés nas costas, Kratos ajudou os escravos que estavam estranhamente relutantes em abandonar a sua jaula. Quando o último tinha subido até ao convés, o vento continuou a bater ferozmente e atirou-lhes com gotas de chuva que pareciam pequenas balas.

— Para o cordame. Baixai as velas. Não há outra forma de sair deste

maldito cemitério aquático — berrou Kratos. — Temos de navegar à frente da tempestade ou estaremos perdidos.

Kratos percebeu que Coeus conhecia as noções básicas de desenrolar as velas e de as prender em segurança para correrem, mas tentar ensinar todos os tripulantes que se encontravam no cordame superior era impossível por causa do vento. Um deles gritou e caiu da verga em cruz. Kratos viu o homem a desaparecer debaixo das ondas. Nunca voltou à superfície.

Kratos sentiu o navio a guinar, como um cavalo relutante em correr poderia dar uma falsa partida. Coeus fez o que podia. Kratos tinha de arranjar um timoneiro para controlar o leme oscilante. Agarrou um escravo pelo braço e arrastou-o até ao convés da popa e ao timão.

— Agarra isto. Vira-o para a esquerda ou para a direita conforme as minhas ordens. — O escravo fez o que lhe mandaram, agarrando-se à viga como se a sua vida dependesse disso. E dependia mesmo.

Assim que o homem pôs os braços à volta do timão e começou a testar a pressão e a resistência, Kratos voltou a avançar. Parou ao lado da estátua de Athena. Mantinha-se morta, inerte, imóvel e cega.

— Estamos a caminho — disse baixinho contra a força do vento. Depois esforçou-se para levantar a âncora marítima que os mantinha no lugar. As costas doeram-lhe com o esforço e as veias sobressaíram como extensões de corda nos seus braços enquanto arrastava para cima a pesada âncora, aos poucos. Assim que o enorme gancho de ferro saiu do mar, o navio ascendeu rapidamente, livre e a flutuar.

— Para a esquerda, para a esquerda com força! — A sua ordem vociferada foi engolida pelo vento que aumentava de intensidade, mas o timoneiro inexperiente viu-o a gesticular e inclinou-se para o timão. Sentindo mais resistência do que esperara, redobrou os seus esforços. E depois voltou a fazê-lo.

Kratos soltou um uivo quando o navio parou e as suas velas foram preenchidas pelo vento forte. As tábuas rangeram e a quilha do navio ressoou à medida que atingia destroços debaixo de água. Uma vez, uma enorme onda ergueu-se perante Kratos e quebrou em cima da sua cabeça. Ele perdeu o equilíbrio e foi arrastado pela água ao longo do convés, até que uma mão forte o agarrou. Olhou para cima e viu Coeus a sorrir como um tolo.

— Cuidado com os pés, *C'mandante* — disse o imediato. Depois gritou para os que estavam no cordame acima para arriarem as velas com mais firmeza.

Kratos levantou-se, agradecendo a Athena por lhe enviar um mari-nheiro de confiança para o ajudar. Uma enorme rajada de vento pareceu levantar o navio da água e fê-lo deslizar sobre a superfície à velocidade de

pensamento. A proa tocou cada onda em ascensão e ressaltou para a frente, mal descendo às depressões profundas entre as ondas.

— Cuidado com as velas — gritou Kratos. As suas palavras foram devoradas pelos ventos irados. Os cantos das velas de tecido começaram a desfazer-se devido à agitação constante. — Arriai-as!

— Precisamos de mais homens no cordame superior — gritou Coeus quase ao seu ouvido. — Estamos perdidos se não enrolarmos as velas. O vento está demasiado alto.

— Deixa as velas como estão — gritou Kratos em resposta. O navio chocou com destroços atrás de destroços no Cemitério de Navios.

— O mastro vai partir. A tempestade vai destruir-nos!

— A toda a velocidade e em diante — ordenou Kratos. Coeus começou a argumentar, mas Kratos não o deixou falar. O timoneiro agarrou-se com valentia ao timão, mas este ressaltou com demasiada força para apenas um homem o controlar. Kratos avançou aos empurrões até Coeus e correu para ajudar o timoneiro. Enquanto atravessava o tombadilho superior, agarrou um escravo e arrastou-o consigo.

— Não, para, deixa-me estar. Vamos morrer. Não podemos sobreviver à tempestade. Poseidon vai ter-nos a todos no seu cemitério aquático!

— Ajuda o timoneiro a manter o leme a direito.

— Vamos morrer! — O escravo caiu de joelhos. — Pelos deuses, salvai-nos. Imploro-vos, deuses do Olimpo. Salvai-nos!

— Ajuda ou sai da frente! — Kratos empurrou o homem para o lado. Os braços do escravo elevaram-se acima da sua cabeça, depois o vento forte apanhou-lhe o corpo e, como uma gaivota, levantou voo. Kratos ignorou-o. O homem tivera a sua oportunidade.

— Vais atirar-me borda fora, *C'mandante*? Acho que já não tenho forças para lutar contra o timão. — O timoneiro cedeu sob o esforço de manter o navio no mesmo rumo no meio do temporal feroz.

— Só se falhares.

O timão agitava-se como se estivesse vivo, levantando o homem do chão. O timoneiro agarrou-se ferozmente a ele, lutando para encontrar um apoio. Kratos emprestou a sua força àquela tarefa. Ambos endireitaram o leme à força. As tábuas rangeram e, momentaneamente, Kratos pensou que o navio ia desfazer-se.

Quando Zeus começou a enviar os seus raios a dançar pelo céu, Kratos viu luzes translúcidas de inúmeras cores a crepitar nas vergas, subindo e descendo o mastro e atravessando o tecido, e soube que tinha recebido uma trégua. Athena protegia-o e ao navio contra a pior das intempéries. Os pequenos globos de fogo ardente que não queimavam eram a sua mensagem para ele.

Depois do que pareceu uma eternidade, o navio passou pela última das carcaças no Cemitério de Navios e deslizou pelo mar aberto.

O vento manteve-se estável, mas a chuva parou. Com os braços dorida e a sensação de que as suas costas tinham partido, Kratos deixou-se cair no convés.

— O Sol, Comandante Kratos, o Sol está a brilhar!

— Louvado seja Apolo — disse Kratos. — Louvada seja Athena. — Sentiu que, nessa altura, pelo menos três dos deuses que residiam no Monte Olimpo o favoreciam. Poseidon agradecera-lhe e dera-lhe poderes especiais — e não reclamara o navio e a tripulação para o seu próprio reino aquático. Pela primeira vez desde que entrara a bordo daquele navio, Kratos soube que voltaria a pisar terra firme. Quando o fizesse, seria ao serviço da deusa Athena.

— Mantém o rumo — ordenou Kratos.

— Nem que tenha de me amarrar ao leme, mantereí o rumo, *C'mandante* — declarou o timoneiro. — Anseio por voltar ao campo. Quanto mais depressa chegarmos ao porto, mais depressa poderei rebolar na relva alta.

Kratos deixou o homem e voltou a descer à cabine de Lora e Zora. Entrou e fechou a porta atrás de si.

— Amo — gritaram ambas.

Kratos estava exausto, mas só podia ficar boquiaberto perante aquele par.

— Desobedeceram-me — disse ele. — Não encontraram roupas adequadas. — Ambas usavam apenas túnicas, sem saias ou calças.

— Então temos de o compensar, amo — disseram elas. — Vais castigar-nos? Por favor?

Embora não tivesse obtido muito descanso na cama que partilhou com as gémeas, a viagem até ao Porto de Zea revelou-se agradável; os seus cuidados gentis ajudaram a afastar os pesadelos de Kratos. Mas exatamente um dia antes de a grandiosa cidade surgir sobre o horizonte, uma vasta coluna de fumo negro em redemoinho avisou-o do perigo que surgia mais adiante.

Atenas estava em chamas.





KRATOS ESTAVA DE PÉ NA TORRE ELEVADA QUE COMANDAVA AS MURALHAS sobre Pireu. Dali conseguia ver as grandiosas Longas Muralhas que ligavam o porto à cidade de Atenas, a mais de cinco quilómetros para o interior. Embora, como espartano, considerasse os Atenienses fracos, covardes e geralmente inúteis, neste dia tinha de lhes ter um certo respeito rancoroso. Só com soldados civis para as segurar, estas enormes muralhas geminadas ainda estavam de pé, quase intactas. Um feito impressionante, esse, até para um exército convencional.

Contra as hordas de harpias, legionários mortos-vivos, Ciclopes e sabia-se lá que outras monstruosidades arrancadas do lado inferior do Hades e trazidas por Ares, a capacidade dos Atenienses de segurar as muralhas até agora era espantosa — algo em que Kratos não teria acreditado se não tivesse visto com os seus próprios olhos.

— Diz-se que o Deus da Guerra, o próprio Ares, assume o campo de batalha contra nós — disse o capitão da torre de vigia, exausto e de olhar vazio. — É verdade, Fantasma de Esparta?

Kratos ignorou-o. A última coisa de que precisava era dar a estes patéticos soldados a tempo parcial uma desculpa para fugir. A sua mente estava concentrada noutra coisa em que não teria acreditado se não tivesse visto com os próprios olhos; voltou-se para fitar o mar, na esperança de ter um último vislumbre das velas do seu antigo navio, que agora desaparecia no horizonte.

Coeus e muitos dos outros tinham-lhe provado o seu valor. Tê-los ao seu lado, apenas por um breve instante, não alteraria o desenlace daquela

batalha, mas possibilitaria ao novo comandante do navio e à sua tripulação a hipótese de ter uma morte nobre em combate. Navegar para longe, como fizeram, só adiaría as suas mortes.

A não ser que Ares fosse detido às muralhas de Atenas.

E assim que Kratos se esgueirou do navio nas horas negras que antecederam a madrugada, a estátua de Athena na proa voltou a falar-lhe — para lhe relembrar que a morte de Ares lhe daria o perdão pelos seus crimes. Como se ele precisasse que o lembrassem. Athena falou-lhe também do seu Oráculo em Atenas; o Oráculo dir-lhe-ia como derrotar o Deus da Guerra.

Voltou novamente a sua atenção para a batalha de Atenas. As legiões de Ares estavam dispostas principalmente contra a própria cidade — e nem sequer uniformemente. Por alguma razão que Kratos não conseguia conceber, as criaturas pareciam evitar as matas e grutas que pontilhavam os campos em redor da cidade. Kratos abanou a cabeça, sem compreender — chegar fogo a essas matas teria feito mais sentido — mas o Deus da Guerra nunca fora conhecido pela sua mente perspicaz e tática.

Ao contrário de Athena, cuja subtileza nos planos de batalha era lendária, Ares preferia simplesmente fazer avançar os seus exércitos em grandes vagas, numa onda crescente de mortes, até finalmente esmagarem as defesas dos seus inimigos e chacinarem cada criatura viva que se atravessasse no seu caminho.

Kratos sabia isso demasiado bem. Durante muitos anos, tinha sido ele a fazer avançar os exércitos, como grandes aríetes sangrentos de carne humana. Durante muitos anos, rira-se como um monstro embriagado pelo sangue enquanto os seus homens incendiavam nações inteiras. E ainda continuaria a fazê-lo, se não fosse por aquela pequena aldeia... aquele humilde santuário em homenagem a Athena... e aqueles que se abrigavam ali dentro.

Kratos sacudiu as memórias. Como areia movediça, a loucura que espreitava sempre abaixo da superfície da sua mente ameaçava sugá-lo e afogá-lo num pesadelo implacável.

A sua avaliação da situação tática era objetiva. Apenas uma fileira de carros ainda subia lentamente pela estrada larga entre as Longas Muralhas. Do que tinha visto em Pireu, a maior parte dos animais de carga já tinham sido chacinados para servir de alimento. Nenhum navio entrava no porto com mantimentos frescos; para lá do paredão, dezenas de carcaças em chamas lançavam o fumo de marinheiros mortos para os céus e formavam um aviso persuasivo para quem quisesse desafiar as águas no interior. A julgar pela cortina de fumo iluminada de vermelho que ascendia violentamente da cidade, Kratos calculou que as criaturas de Ares tinham arranjado uma forma de lançar fogo grego sobre as muralhas — ou talvez tivessem sim-

plesmente colocado as harpias a carregar os potes fumegantes e a atirá-los ao chão, de lá de cima.

Assim que as legiões de Ares penetrassem as Longas Muralhas, qualquer esperança de conseguir reforços ou reabastecimentos estaria perdida — e, pior ainda, essas legiões teriam uma estrada larga e pavimentada por onde marchar contra o ponto mais fraco nas defesas da cidade, nas colinas lá em cima.

O exército de Ares marcharia rapidamente e chacinaria tudo à sua passagem. Atenas cairia, sem dúvida. Ao olho treinado de Kratos, parecia que a cidade poderia não resistir até de manhã.

— Athena não nos abandonou. — O capitão parecia estar a tentar convencer-se a si mesmo. — A deusa de olhos cinzentos vai quebrar estes exércitos — ela nunca permitiria que a sua cidade caísse!

— Agarra-te bem a qualquer réstia de coragem que ainda tenhas — disse Kratos num tom sombrio. — Athena ouviu as tuas preces.

— Ela... — O capitão parecia sem fôlego, subitamente esperançado. — Qual ajuda? Quando chegará o seu apoio?

— Hoje, este espartano é o teu aliado enviado por Athena — disse Kratos e saltou pela janela da torre, aterrando como um gato na muralha abaixo. Outro salto deixou-o na estrada.

Começou a caminhar no ritmo acelerado que tantas vezes usara no campo de batalha, para colocar os seus soldados em posição. As Longas Muralhas projetavam uma sombra fresca ao longo da estrada. Do seu cimo, arqueiros disparavam intermináveis salvas de flechas. Kratos não precisava de ver os seus alvos; ouvia-os. Rosnidos, resfôlegos, ruídos animais — guinchos e rugidos que não poderiam vir de uma garganta humana.

Kratos continuou a correr. Não viu motivos para perder tempo a lutar por aquelas muralhas, quando qualquer tonto perceberia que não aguentariam nem mais um dia.

Um arqueiro ateniense, caindo de uma muralha, estatelou-se na estrada alguns metros à frente de Kratos. O homem tinha uma enorme lança a atravessá-lo de um lado ao outro e o seu rosto tinha sido arrancado pelas garras das harpias, mas quando atingiu a estrada com uma força esmagadora, continuou a levantar bem alto o seu arco, protegendo a sua arma com as suas últimas forças. Kratos aprovava aquela atitude — o homem era quase tão disciplinado como um espartano. Bem, um espartano muito jovem. Um que ainda não estivesse totalmente formado. Ainda assim, Kratos aproximou-se dele, ajoelhou-se e ouviu o gorgolejar das últimas palavras do ateniense.

— Toma o meu arco. Defende a cidade! — Foi tudo o que o arquei-

ro murmurou antes que o seu espírito partisse para encontrar Caronte na margem do rio Estige.

Kratos arrancou o arco das mãos do cadáver e soltou a aljava que continha ainda uma dúzia de flechas. Embora preferisse as Lâminas do Caos ou os seus próprios punhos nus, Kratos era um mestre de todas as armas. Testou a tensão do arco e deixou a corda vibrar sem disparar uma seta. O arqueiro tinha sido um homem forte e a sua arma poderia revelar-se útil.

Como se tivessem sido invocados pelo seu pensamento, ouviram-se estridentes gritos de pânico vindos dos civis que conduziam os carros mais adiante. O pânico transformou-se em agonia quando uma fração inteira da muralha curvou para dentro, deixando cair pedras soltas e arqueiros. Num instante, três metros e meio da muralha tinham desabado.

Sem um pensamento consciente, Kratos encaixou uma flecha no arco e deixou-a voar. A sua seta voou a direito contra o legionário morto-vivo que forçava a sua entrada através da brecha na muralha. A flecha prendeu a cabeça do legionário à parte da muralha que ainda estava de pé. Outros dois legionários mortos-vivos vestidos com armaduras de bronze entraram à força, apenas para encontrar o mesmo destino, com uma flecha cada um. As flechas não destruíam as criaturas, mas prendê-las à muralha como coelhos num espeto segurava-as no lugar para que até os Atenienses pudessem desmembrá-las.

— Saí — rugiu para os civis aos gritos. — Estais no meu caminho.

Sem hesitar, Kratos entrou na brecha, disparando à medida que avançava. Mais seis flechas voaram a direito e com precisão, prendendo legionários uns aos outros, mas os mortos-vivos atrás deles limitavam-se a rasgá-los em pedaços e continuavam a avançar. Outras três flechas abateram outros cinco ou seis legionários. Quando outros dois avançaram pelo meio da multidão, brandindo as espadas, Kratos procurou outra flecha, encontrando a aljava vazia.

Livrou-se do arco; sem flechas, era tão inútil como um eunuco.

As duas monstruosidades putrefactas que se amontoavam sobre ele não mereciam a honra de serem destruídas pelas Lâminas do Caos. Kratos limitou-se a avançar de encontro a eles e enfiou os seus punhos dentro e através dos peitos em decomposição. As suas mãos fecharam-se à volta das colunas vertebrais dos legionários e Kratos sacudiu-os como quem sacode sujidade das mãos, arrancando-lhes as espinhas dorsais. Quando os dois legionários sucumbiram, Kratos sacudiu as suas colunas vertebrais como malhos, matando os seus colegas, um após o outro. Os arqueiros de ambos os lados da brecha juntaram-se a ele, atirando seta após seta para os monstros lá em baixo.

As correntes nos antebraços de Kratos aqueceram à medida que as

criaturas eram esmagadas à sua frente. Sacou as Lâminas do Caos e agitou-as à frente do seu corpo para se proteger contra o arremesso das lanças. As correntes queimavam como chamas nos seus ossos.

As lâminas cortavam a carne dos mortos-vivos e manchavam o cascalho da muralha com monstros desmembrados. As suas espadas gêmeas fulguravam em rodas de fogo à sua volta, obrigando as criaturas de Ares a voltar a recuar pela brecha — mas os legionários mortos-vivos tinham recuado apenas para deixar que avançasse um Ciclope.

O monstro de um só olho ergueu-se desajeitadamente, com três vezes a altura de Kratos e mais de dez vezes o seu peso. A criatura vinha a agitar um bastão com tachas de ferro, tão grande que um homem comum poderia ser derrubado pelo vento de um golpe que falhou por pouco.

O Ciclope correu para a frente, ansioso por matar ou morrer a tentar. Agitava o bastão gigantesco como se fosse apenas uma varinha de madeira. Erguendo-o acima da cabeça com as duas mãos, o Ciclope brandiu o bastão de cima para baixo, sobre a cabeça de Kratos, como se tentasse cravar o espartano no chão, como o pilar de uma cerca.

Kratos intercetou o golpe com as Lâminas do Caos cruzadas acima da cabeça. O impacto deixou-o de joelhos. Momentaneamente. Um instante depois, ganhou impulso e voltou a pôr-se de pé, e deu golpes com as lâminas em conjunto, como uma tesoura de poda à volta do cabo da arma.

A extremidade do bastão saiu projetada como uma pedra sai de uma funda.

O Ciclope soltou um rugido, totalmente incrédulo. Kratos fincou os dedos dos pés nos seixos soltos da muralha desmoronada à sua volta, encontrou um apoio e lançou-se sobre o monstro. Empurrou com força, baixou-se quando o Ciclope tentou desajeitadamente agarrá-lo e depois deu golpes na vertical com ambas as lâminas, espetando-as na barriga volumosa do Ciclope.

O Ciclope soltou um grito. Um grito horrível.

Kratos torceu as lâminas e voltou a cravá-las dentro das feridas. Quando finalmente as retirou, estas arrastaram consigo entranhas. Abaixando-se novamente para não ser agarrado violentamente, Kratos mergulhou para a frente, para rebolar entre as pernas do monstro. Atrás do Ciclope, girou e olhou para cima, para as costas largas e peludas. Saltou, agarrando as tiras de cabedal da armadura do Ciclope para se apoiar e fincando os dedos dos pés na carne da criatura para ter tração. O Ciclope guinchou e agitou-se violentamente, tentando sacudir Kratos das suas costas desprotegidas. O Fantasma de Esparta continuou a trepar, mesmo quando o Ciclope começou a rodopiar. Alcançando o pescoço do monstro, Kratos agarrou-lhe o cabelo oleoso e esticou-se para esborrachar repetidamente o cabo de uma

lâmina na cara do Ciclope. Quando atingiu o orbe solitário, o Ciclope enlouqueceu.

Kratos conseguiu agarrar o nariz e encontrar o olho inchado e ferido. Arrancou-o, com os fluidos viscosos a escorrerem-lhe pelos dedos. O Ciclope já estava frenético antes. Agora atirava os braços ao ar, virava a cabeça para o céu e rugia, furioso com os deuses. Esta era a única hipótese que Kratos tinha de fazer uma matança limpa. Quando o Ciclope se inclinou para trás, Kratos atacou. Com os pés nos ombros da criatura, ergueu as Lâminas do Caos bem acima da cabeça e espetou as espadas gêmeas diretamente na cavidade do olho aberto.

A pouco e pouco, o Ciclope foi parando de se debater, até cair de joelhos, com sangue a jorrar da sua cavidade ocular. O Ciclope caiu de cara no chão. Só quando teve a certeza que o monstro estava morto é que Kratos saltou das suas costas largas e sacudiu o sangue das suas lâminas.

Acima dele, na muralha, os soldados atenienses mantinham-se imóveis, olhando boquiabertos e incrédulos. Então um soldado soltou um grito de alegria. Foi repetido pelos outros ao longo de toda extensão das Longas Muralhas.

— Morte aos monstros!

Uma companhia inteira de legionários mortos-vivos arrastou-se na direção de Kratos, mas um chuveiro de setas mortíferas com penas cortou-os em pedaços. Novamente, ergueu-se um coro de aplausos ao longo da muralha.

Kratos tinha começado a avançar cuidadosamente para a brecha na muralha quando viu o que agora avançava para o enfrentar — espectros, monstros macilentos cujos braços ossudos terminavam em lâminas cruelmente afiadas. Da cintura para baixo, os seus corpos não eram mais do que fumo negro a rodopiar. Flutuaram na sua direção com uma facilidade enganadora, e depois lançaram-se para a frente, para atacar. Kratos mal teve tempo de sacar as Lâminas do Caos para se defender. Os espectros coordenaram o seu ataque na perfeição, rodeando-o e atacando-o pela esquerda e depois pela direita.

As flechas vindas de cima de nada adiantaram para fazer recuar aquelas criaturas. As setas atravessavam-nos totalmente, de forma inofensiva, como se os seus corpos não fossem mais do que fumo.

Com um esplendor ofuscante das suas armas forjadas no Hades, Kratos cortou uma mão em forma de lâmina, mas os outros espectros amontoavam-se à sua volta. Defendeu-se habilmente enquanto recuava para dentro da brecha; a melhor forma de enfrentar estas criaturas era uma de cada vez.

— Pelos deuses, vamos detê-los! — Um esquadrão de espadachins correu a ajudar Kratos, batendo com as suas armas contra os escudos de

bronze. A sua coragem ultrapassava largamente a sua habilidade, mas podiam aliviar um pouco a pressão sobre Kratos, mesmo contra os espectros.

— Fechai o buraco — gritou Kratos, prendendo uma mão em forma de lâmina, antes de a cortar habilmente do pulso esquelético. — Não podeis defender esta brecha por muito tempo. — E os espectros estavam a começar a retalhar as bordas irregulares da muralha para alargar a brecha. Se alargasse muito mais, os atenienses não conseguiriam mesmo sustê-la — e Kratos não queria ter de proteger a sua própria retaguarda enquanto corria para a cidade.

— Não te reconheço — disse um jovem soldado, vindo por trás de Kratos. — Porque não tens armadura?

— Manda vir sapadores, tonto! — disse Kratos rispivamente. — Se os monstros tomarem esta brecha, o centro de Atenas ficará exposto!

O jovem guerreiro começou a disparar ordens e os outros atenienses pareceram aliviados por terem alguém a dizer-lhes o que fazer. Os soldados mais próximos forçaram a entrada na brecha, formando um muro com os seus escudos e os seus próprios corpos para não deixar avançar as hordas geradas no Hades. Outros arrastaram tábuas pesadas, cascalho e tudo o que pudessem usar como barricada para empilhar na brecha, mas para Kratos era evidente que este era um esforço inútil. A pressão contra uma mão-cheia de homens era demasiado grande e não podia ser feita uma reparação permanente com espectros e legionários a darem golpes constantes para alargar a brecha.

O último dos atenienses na brecha caiu às mãos dos arqueiros mortos-vivos. Meia dúzia deles irrompeu pela brecha, lançando violentamente flechas em chamas em todas as direções; cada uma que acertava com precisão rebentava numa explosão de chamas e ceifava uma vida ateniense. Kratos voltou a soltar as Lâminas do Caos e abateu duas das criaturas esqueléticas antes que pudessem causar mais destruição ao longo das passagens aéreas. O resto dos arqueiros mortos-vivos concentrou o seu fogo nos soldados recém-chegados que corriam para tapar a brecha. Eram devastadoramente eficientes. Quando Kratos tinha acabado de matar os arqueiros na brecha, os espectros que estavam para lá deles tinham alargado a brecha o suficiente para que outro Ciclope passasse rapidamente.

Kratos mergulhou em frente para enfrentar a carga do monstro. Usando a sua força sobrenatural, levantou o Ciclope do chão e arrastou-o de volta pela brecha, contra os espectros e legionários mortos-vivos lá fora. O Ciclope abriu caminho com algumas sacudidas do seu bastão gigantesco, partindo os mortos-vivos em pedaços e atirando espectros a rebolar pelo ar; depois avançou a passos largos para voltar a lutar com Kratos. Novos

legionários avançaram à força para continuar a desbastar a muralha, alargando a brecha a cada golpe.

Kratos avaliou a sua distância e depois arremessou ambas as lâminas. Cortou a garganta do Ciclope de ambos os lados, depois puxou-as para trás violentamente, engatando as curvas das lâminas na nuca da criatura. Quando as lâminas se soltaram com um rasgão, a cabeça do Ciclope saltou-lhe dos ombros, ressaltou no chão e passou a rebolar pelos pés de Kratos. Uma fonte de sangue jorrou para o céu, do pescoço da criatura, e Kratos levantou o rosto para o chuvaire escarlate como se fosse uma chuva fresca de primavera. Arrancou o olho cego e segurou-o sobre a cabeça, depois arremessou-o, desafiando os lacaios de Ares que avançavam.

— Mais! — gritou para a horda lá fora. — Vinde! Vinde e morrei!

Um pontapé forte derrubou o corpo em desequilíbrio do monstro morto para o outro lado da brecha, criando uma barricada sobre a qual as criaturas ao ataque tinham de trepar. Os arqueiros lá em cima na muralha fizeram imensas vítimas à medida que setas com penas prendiam os legionários ao Ciclope caído e uns aos outros.

Anteriormente, a sua vitória fora aplaudida. Agora, não havia tempo. Um par de Ciclopes avançou para a brecha e começou a atirar para o lado legionários mortos-vivos da pilha cada vez maior, abrindo caminho para mais monstros, enquanto espectros flutuavam por cima, com as suas terríveis espadas a transformar os arqueiros mais próximos em pedaços de carne sangrentos.

Kratos voltou a fazer uma avaliação pessimista das probabilidades. Não sabia como Athena esperava que ele pudesse salvar a sua cidade, mas tinha quase a certeza que ela não pretendia que ele desse a sua vida por uma pequena brecha a mais de um quilómetro e meio dos arredores da cidade.

Embainhou as Lâminas do Caos e olhou fixamente para as suas mãos. O poder cresceu dentro de si enquanto libertava a sua fúria, e Kratos sentiu que se tornava novamente uma conduta para o poder divino. A Fúria de Poseidon ainda estava consigo.

Avançando aos empurrões pelos combatentes em dificuldades, trepou para cima do Ciclope morto e olhou para as centenas e milhares de assassinos de Ares a prepararem-se para irromper pela brecha cada vez mais aberta da muralha. Kratos estendeu as mãos, como se fosse empurrá-los a todos. Cambaleou enquanto o poder crescia dentro de si. Levantando as mãos, com os cotovelos esticados, fechou os olhos e concentrou-se no que mais desejava.

Uma energia aniquiladora irrompeu em seu redor, abrindo à sua frente um sulco de quinze metros, mais profundo que um fosso. Kratos estendeu as mãos e o sulco tornou-se uma cratera. Empurrou a Raiva de Poseidon

para baixo, para fora e depois uma última vez para baixo, antes de cair de joelhos, exausto devido ao esforço.

O cadáver do Ciclope tinha desaparecido, queimado tão minuciosamente que não havia sequer fumo — assim como tinham os outros Cyclopes, todos os espectros que estavam por perto, várias centenas de legionários mortos-vivos, alguns metros das Longas Muralhas e vários arqueiros atenienses.

Entre Kratos e o resto do exército de Ares abriu-se um fosso com trinta metros de profundidade e quase tanto de largura. Agora, para chegar à brecha, a horda lá fora enfrentava uma longa descida e uma perigosa escalada por uma inclinação íngreme e escorregadia devido às cinzas, totalmente exposta aos arqueiros lá em cima.

Os monstros não pareceram desencorajados; estavam já a deslizar pela borda oposta do fosso. Mesmo que tivessem de preencher toda a cratera com os próprios corpos, em breve estas criaturas degeneradas iriam irromper pela muralha aos milhares sobre milhares. Nada podia detê-los.

Kratos sacou as Lâminas do Caos e acomodou-se, esperando sinistramente na brecha.

Ia ser uma longa batalha.